

O PATRIOTA,  
JORNAL LITTERARIO,  
POLITICO, MERCANTIL, &c.

D O

RIO DE JANEIRO.

---

*Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha terra ame, e a minha gente.*  
Ferreira.

---

TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.

N. 1.º

JANEIRO E FEVEREIRO.

Reservado na Seção

Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.

1814.

Com Licença de S. A. R.

---

*A subscrição se faz na Loja da Causa, ou na  
de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6000 reis  
pelos seis números. Nas mesmas se vendem avulsos  
a 1000 reis.*

12-28  
6

\*~~~~~\*

AGRICULTURA.

*Sumario da Historia do descobrimento da Cochonilha no Brazil, e das observaçoes, que sobre ella fez no Rio de Janeiro o Dr. José Henriques Ferreira, Medico do Vice-Rei e Marquez do Lavradio.*

ARTIGO I.

*Descobrimto da Cochonilha no Brazil.*

§ 1. **H**Avendo o Vice-Rei do Brazil, o Marquez do Lavradio, de saudosa memoria, approvado a proposta, que, em Dezembro de 1771, lhe fez o seu Medico o Dr. José Henriques Ferreira, sobre a importancia, que havia de conferir com outras pessoas entendidas a respeito de algumas materias de Historia natural, de Physica, e Quimica, de Agricultura, de Medicina, de Cirurgia e de Farmacia, do interesse do Brazil, associarão-se logo muitas pessoas (1), e instituirão huma Academia debaixo da protecção do mesmo Vice-Rei.

a ii

---

(1) Os primeiros socios foram os Medicos Gonçalo José Muzzi, Antonio Freire Ribeiro; os Cirurgioens Mauricio da Costa, Ildefonso José da Costa Abreu, Antonio Mestre, Luiz Borges Salgado; os Boticarios Antonio Ribeiro de Paiva, e Manoel Joaquim Henriques de Paiva; e o curioso de Agricultura Antonio José Cabrioto: a estes se associarão depois muitos outros tanto nacionaes, como estrangeiros; ligando-se em fim esta Academia com a Real das sciencias da Suecia, que se dignou de convidar por via do seu Secretario, Pedro Wargentín, e do Dr. Pedro Jonas Bergius.

§ 2. No dia 18 de Fevereiro de 1772 celebrou-se a primeira sessão publica da Academia no Palacio dos Vice-Reis, na presenca do mesmo Vice-Rei, e de hum brillante concurso de pessoas de diferentes jerarquias. Nella recitaram o Presidente o Dr. José Henriques Ferreira huma eloquente, e crulita oração acerca dos objectos da mesma Academia e da sua utilidade; o Director de Cirurgia Mauricio da Costa outra sobre a Anatomia e a Cirurgia; o Director de Historia natural Antonio Ribeiro de Paiva, outra sobre todos os ramos desta vastissima sciencia, e em particular sobre o da Botanica, e do provento, que no Brazil se podia tirar da sua cultura; o Director de Fysica, de Quimica, de Agricultura, e de Farmacia, Manoel Joaquim Henriques de Paiva, outra acerca destas sciencias, mormente da Farmacia; e ultimamente, o Secretario Luiz Borges Salgado, leu os Estatutos, em que todos os Socios tinham concordado, para por elles se regerem.

§ 3. Tratando-se nas sessoens semanarias de diversos assumptos, o Cirurgião Mór do primeiro Regimento, Director da Academia, Mauricio da Costa, referido em huma dellas que, viajando pelo continente do Rio Grande de S. Pedro do Sul, quando se determinou a demarcação da America Portuguezia e Hespanhola, hum Hespanhol, que hia na sua companhia, e que estivera no México, lhe mostrou a coconilha sobre os carilões, gerumbebas, urumbebas, que são variedades ou especies do *cactus* chamadas *spuntia*; mas que outros cuidados e embarços fizeram que não attendesse muito a esta materia. Não perdendo nunca isto da memoria, procurou algumas vezes a mesma coconilha sobre as referidas plantas, que crescem a orredor do Rio de Janeiro, mas não a encontrou.

§ 4. Esta narração (§ 3.) accendeo em todos os Socios o desejo de ver huma producção impor-

tante e preciosa do Brazil, e recommendarão ao dito Director que se empenhasse por conseguila; elle desempenhou de tão boa mente esta commissão que, passados alguns mezes, apresentou huma pequena quantidade de coconilha perfeita, que o Vice-Rei remetteo á Corte de Lisboa.

§ 5. Ainda que a distancia do lugar, e a difficuldade da conducção da planta com a coconilha, fizeram quasi desesperar de a ver propagada no Rio de Janeiro; renovário-se todavia as esperanças, quando Francisco José da Rocha, Sargento Mór de Dragoeiros do Rio Grande, remetteo ao Vice-Rei varios papeis pintados e escritos com huma tinta, de que os rapazes se servião, e tanto o Vice-Rei, como o Presidente lhe escreverão declarando que era da coconilha, e que mandasse alguma desta.

§ 6. Neste comenos foi mandado retirar o dito Francisco José da Rocha para governar a fortaleza de Santa Cruz da barra do Rio de Janeiro, e chegado a esta Cidade, teve com elle o Presidente muitas conferencias a respeito da coconilha e das suas utilidades, de sorte que, hindo depois para a Ilha de Santa Catharina, incumbido de varias delicias acerca da sua defenza, e viajando por ella, descobrio a coconilha nas mesmas plantas, em que a vira no Rio Grande, e immediatamente mandou ao Vice-Rei hum caixão com a planta, que era o *(cactus tuna)*, e a coconilha pegada nella, e outro ao Presidente, o qual o mandou para o Jardim botanico da Academia, que era na cerca do Collegio, ou Hospital militar, e incumbio ao Socio Inspector do mesmo Jardim Antonio José Castrioto, não só a propagação da dita planta com a coconilha, mas tambem a sua repartição por diversas partes.

§ 7. O referido Presidente, tendo mandado pôr a planta do Rio de Janeiro (*cactus spuntia*) ao pé da outra de Santa Catharina, (§ 6.), que era

pequena, e pouca, advertio que a cochonilha passou-se logo a ella, que se multiplicou muito mais, e por isso a fez espalhar por todas as plantas, que alli havia, nas quaes se propagou copiosamente.

§ 8. Em virtude desta observação (§ 7.), o Vice-Rei ordenou ao referido Francisco José da Rocha que promovesse a propagação das ditas plantas (§ 6. 7.) em Santa Catharina para se conseguir maior, e mais abundante criação, e colheita da cochonilha. A mesma ordem teve o seu Governador Pedro Antonio da Gama e Freitas, o qual continuou a remetter a mesma planta com a cochonilha ao Rio de Janeiro, onde se propagou sobremaneira. Aléin disto, o Vice-Rei mandou o Socio Luiz Borges Salgado, Secretario da Academia, com as instrucções escritas pelo Presidente, a fim de melhor averiguar esta materia, e remetteo alguma cochonilha tão bem secca e conservada, como a fina do Mexico. Dando-se a noticia deste descobrimento, e da sua importancia, ao Tenente Coronel do primeiro Regimento da Bahia José Clarke Lobo, depois Brigadeiro, com a recommendação de inquirir se na Bahia haveria a cochonilha; passado pouco tempo, avisou ao dito Presidente que ella se tinha achado nos arredores desta Cidade.

§ 9. Eis-aqui (§ 18) em summa a fiel historia do descobrimento da cochonilha no Brazil: agora passo a recopilar as observações, que sobre ella fez o Presidente da Academia, a fim de conhecer a sua natureza e geração.

## ARTIGO II.

### *Observações feitas sobre a cochonilha.*

§ 10. **A** Brindo-se na presença do Vice-Rei, e das outras pessoas, huma caixa de cochonilha apanha-

da viva na planta, e que de Santa Catharina remettera Francisco José da Rocha, virão-se como mosquinhas vivas, e huns casulinhos vazios, donde ellas tinham sahido, semelhantes á cochonilha, que estava inteira e cheia: julgou-se por tanto que a cochonilha se transformava, e gerava, como outros insectos, e nisto assentou firmemente o Presidente, que communicou a sua opinião a diversas pessoas.

§ 11. De sorte que para ver esta transformação (§ 10.), pôs em sua casa hum vaso com a planta, e alguns bichos a ella pegados, e observava todos os dias bicho por bicho, até que, passado tempo consideravel, que não notou, começaram de apparecer infinitos bichinhos, huns andando por toda a parte, e outros junto dos maiores, de que nascião pela parte posterior, do tamanho de hum miudissimo piolho, nos quaes, vistos com o microscopio, se distinguia perfeitamente o corpo composto de rugas, ou divisões transversaes, de cor vermelha escura, mal coberto de hum finissimo pelo branco; seis pés de cor de carne, e duas antenas brancas; e na parte posterior alguns pelos finissimos e mais longos que aquelle. Esta vista maravilhou o observador, que esperava a transformação (§ 10.).

§ 12. Vendo nascer os bichinhos, ou filhos das mães (§ 11.), sem que estas mudassem de lugar, nem padecessem transformação, maior foi a sua vacillação na conjectura, que fizera a respeito da geração, por quanto lhe faltavão os machos fecundadores das fêmeas, lembrando-se todavia se aquellas mosquinhas (§ 10.), serião os machos; mas tendo morrido todos, além de terem vindo numa caixa, separados da planta, assentou que não podião ser os fecundadores daquellas, e fêmeas (§ 11.), mães dos recém-nascidos bichinhos. Conjecturou tambem que as fêmeas terião vindo já fecundadas de S. Catharina por outras semelhantes mosquinhas (§ 10.), re-



Herrera, Runtseher, Linnæo e outros assim affirmavaõ. Porém continuando as observaçoens, vio que os bichinhos (§ 15.) crescião á medida do tempo, apparecendo-lhe na parte trazeira certa humidade transparente como huma gotta de orvalho de cor loura, que pouco e pouco se trocava com a vermelha, que reputou por excremento; e que, chegados ao tamanho de huma lentilha, ou carrapato (*acarus ruscus*), nascerão delles os filhinhos, da mesma sorte que os outros acima referidos (§ 11.), seguindo-se em tudo o mesmo progresso; o que depois observou constantemente em todas as plantas, e em todas as geraçoens dos bichos, notando ser maior o numero daquelles (§ 14.), que nas mosquinhas (§ 16.) se transformarão.

§ 20. Demais, observou que os ditos bichinhos (§ 15.), que são as fêmeas, ou a cochonilha, que se apanha secca, e prepara para vender, e que tinhão, quando nascerão, seis pés sobre que andavão com maior presteza do que os outros bichinhos (§ 14.), e duas antenas, perderão estas partes, ou amolirão-se, depois que ficarão pegadas á planta, e fôrto crescendo, por tal modo, que nem por meio do microscopio, se percebião; nem ellas verdadeiramente lhes são necessarias senão em quanto buscão o lugar para se pegarem e manterem, sendo este de ordinario o mais abrigado e escondido. Observou tambem que, não obstante o finissimo e branco cothão, que os envolve, percebia-se na sua parte superior e convexa, ou no dorso, os anneis ou divissoens do corpo, e na parte inferior do peito hum buraquinho ou boca triangular, com que chupa da planta o seu alimento, sahindo-lhe da parte posterior alguns pelos como cabellos mais compridos que os outros.

§ 21. Abrindo hum destes bichinhos (§ 15.) no seu maior crescimento (§ 19.), vio que estava cheio de hum liquido vermelho, que lhe impedia a vista das entranhas, mas, mediante o microscopio, dis-

tingiu innumeráveis bichinhos da mesma cor, que tem quando nascem. Vio tambem que os ditos bichinhos, no momento em que acabão de nascer, não se arredão da mã, ficando debaixo ou apegados a ella, alguns entre o cothão, e outros em montinhos ao pé da mesma mã, em quanto talvez ganhãvõ vigor para se espallarem pela planta; e poderem manter-se; morrendo tanto a mã da qual resta só o cadaver secco e vazio.

§ 22. Das referidas observaçoens (§ 10—21) concluiu 1.º que as mosquinhas (§ 10, 16, 18) são os machos fecundadores; 2.º que os outros bichinhos (§ 11, 15, 19, 20) são as fêmeas, as quaes parem animas semelhantes, e por tanto são viviparas, e não oviparas, como elle com muitos escriptores affirmou; 3.º que a cochonilha pertence aos *progalinsectes*, os quaes differem dos gallinsectos unicamente em ser viviparas, cobertos de pelo, dentro do qual, como de hum casulinho, vivem, nutrem-se, crescem, gerão, parem e morrem.

§ 23. A' vista de tudo o que fica dito (10—21) pareceo-lhe que a cochonilha foi mal classificada por Linnæo na ordem *hemiptera*, cujo caracter he terem os insectos quatro azas, as superiores *membratitacas*, e a cochonilha tem, segundo o mesmo Linnæo, duas azas, as quaes são finissimas, pouco transparentes (§ 16.), e que, por tanto seria mais acertado classificalla na ordem *Diptera*, ou de duas azas, ou tambem guiando-nos pelas fêmeas, que vivem mais tempo na ordem *Aptera* ou sem azas. Pareceo-lhe finalmente imperfeita, e manca a descripção da cochonilha dada por Linnæo.

§ 24. Demais, assevera que da cochonilha criada, e apanhada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o Vice-Rei remettera á Corte de Lisboa huma grande quantidade, assim como huma porção de carmin finissimo, e de varias lacras, que della fez seu irmão Joaquim José Henriques de

Paiva; e que da Corte se respondera que a dita cochonilha era tão boa como a fina da America Hespanhola, e que tanto o carmim como as lacras erão de boa qualidade, como se conhecera por experimentos.

§ 25. Prescindo de fallar aqui no methodo de espalhar, ou, como se diz, de semear a cochonilha sobre as plantas, de a criar, apanhar, e preparar, porque este, além de andar escripto em todos os authores que fallão della, varia conforme a temperatura dos climas, e depende das observaçoens e das experiencias, as quaes, como diz o mencionado Presidente, devem ensinar os melhores meios de a obter perfeita, e de prevenir os futuros acontecimentos, para se conseguir abundantes colheitas: asseverando todavia, em consequencia das suas observaçoens, que no Rio de Janeiro não se carece de tantas cautelas como no Mexico, e que na Bahia se carecerá de muito menos.

§ 26. Outrosi me julguei dispensado de recopilar a minuciosa descripção das plantas, em que a cochonilha se cria, feita pelo dito observador, só com o fundamento de que seria trabalho baldado para quem desconhece a linguagem botanica, aos quaes basta dizer que são as plantas que se conhecem com os nomes de cardão, jerumbeca, orumbeba, figueira da India; e aos entendidos em Botanica basta indicar-lhes, que são *cactus spatia*, em Botânica basta indicar-lhes, que são *cactus spatia*, *ficus indica*, *tuna*, *cochinillifer*; e porém não basta dizer *cactus iconandria monogynia*, classe que já desappareceo do *systema naturae* de Linneo, refundindo-se os seus generos na classe *Polyandria*, além de que o genero *cactus*, comprehendê viute e nove especies conhecidas.

§ 27. A este proposito só direi 1.º que sendo concordes todas estas observaçoens, as de Antonio Herrera (*Historia general de las islas e tierras firmes del mar oceano*), as de Ruussecher (*Dissertation*

*sur la Cochénille*), as de Menonville (*Traité de la culture du Nopal et de l'éducation de la Cochénille*), que corre em linguagem, as de D. José Antonio de Alzate (*Memoria sobre la Cochénilla*), impressa no Mexico; discreção tanto de todas ellas as de Jacintho José da Silva Quintão, que se pôde francamente affirmar que he singularissima a sua opinião; 2.º que além dos dois primeiros auctores acima citados serem conhecidos do Presidente, e dos outros socios, conhecia igualmente Degeer, Hernandez, Sloan, Reaum, e outros, que o dito Presidente cita na sua Memoria, e por tanto não foi a falta dos verdadeiros conhecimentos sobre esta materia a causa de não se realizarem os louvaveis trabalhos e dezejos da Academia, mas sim a mesma, que empeceo a propagação dos bichos de seda criados com as folhas da tataiba (*Morus tinctoria*), os quaes produzirão huma boa seda, que o Vice-Rei remetteo á Corte, a mesma, digo, que empeceo outros uteis estabelecimentos, que se proposerão; 3.º que não foi, como ouza dizer Jacintho José da Silva Quintão, o *methodo errado ensinado de então propagar a cochonilha, tirando parte da vermina, e dei vermes ou bichinhos, de duas cardeas, e pondo-a em outros, a causa de ser totalmente abandonada a sua cultura*; por quanto, além de se indicarem então todos os methodos praticados no Mexico, se escolheo o melhor, que se foi alterando, segundo as observaçoens, e experiencias, que se hão fazendo, e com effeito conseguio-se abundantes colheitas da cochonilha tanto no Rio de Janeiro, como noutras partes, onde fora estabelecida.

## TOPOGRAFIA.

Fim da Descrição Geographica da Capitania  
de Mato Grosso.

## Rio Mamoré.

A Confluencia dos rios Guaporé, e Mamoré está na latitude de  $11^{\circ} 4' 46''$ , e na longitude de  $328^{\circ} 28' 30''$ . O Mamoré, rio de grande largura, e de maior cabedal de agoas, traz as suas origens da latitude de  $18^{\circ}$  das serras, que existem entre Cochabamba, e a Cidade da Paz, e correndo de Sul a Norte, recebe por ambos os lados muitos rios, hum dos quaes he o Chaparé, que lhe entra por Oeste, de grande curso, e perigosa navegação, pelas muitas catadupas que tem. Outro, e o maior de seus braços, he o Rio Grande, ou Guapehy, que fazendo contravertentes nas serras dos Andes com o Pilco-Mayo, grande braço do Paraguay, pela latitude de  $20^{\circ}$ , corre a E, e depois a N., passando 10 leguas ao Nascente da Cidade de Santa Cruz, até entrar pelo NO na margem Occidental do Mamoré, com mais de 150 leguas de curso total.

Navegando-se desta foz pelo Mamoré acima a rumo geral do Sul, nas primeiras 16 leguas de navegação se encontra a boca do rio Iruamé na margem Occidental, o qual communica com o Madchira pelo Lago de Cayuabas; e 15 leguas acima desta foz, sobre a mesma margem de Oeste do Mamoré, está a Missão da Exaltação, de 1000 almas.

Quatro leguas acima deste povo desagua na mesma margem Occidental o Guaporé o rio Jacuma, sobre o qual, 4 leguas acima da sua foz, está a Missão de Santa Anna, de 800 almas. Sobre hum braço de S. do dito Jacuma, existe tambem a Missão de S. Borja de 700 almas. Os Hespanhoes em

10 dias de navegação pelo Jacuma acima, e em 5 por estrada de terra chegado á Missão dos Santos Reis, que fica meia legua afastada da margem Oriental do rio Beny, ou Madeira: a sua população he de 800 almas.

Vinte leguas acima da boca do Jacuma, proximo á margem Oriental do Mamoré, está a Missão de S. Pedro de 30 almas. No meio desta distancia, e na opposta margem do Mamoré, desagoa o rio Apéré; e pouco abaixo de S. Pedro, entra pela mesma margem Occidental o rio Tyamuchy, sobre hum superior braço do qual existe a Missão de S. Ignacio de 1500 almas.

Doze leguas acima de S. Pedro desagoa na margem de Leste do Mamoré o rio Ibaré; e quatro leguas por elle acima está situada a Missão da Trindade de 30 almas.

Em fim, 11 leguas distante desta Missão, existe a do Loreto de 10 almas, sobre a mesma margem do Mamoré.

Estas Missões do Mamoré, com as do Baures, Irenamas, e Beny, formão todas a Provincia de Mochos, habitada por 22 até 23 almas; Provincia pouco saudavel, talvez por effeito dos seus inundados terrenos, interpolados de densos bosques, e largos campos, onde com o nimio calor se effeito rapidamente immensas decomposições animaes e vegetaes, cujas exhalacoes podres e mephticas inficionão a atmosfera. A Provincia de Mochos he abundante em mantimentos, caças, e pescados; tem muito gado Vacum e Cavallar: os Indios, que a povoão, são polidos, valentes, e industriosos, bons officiaes de Fundidores, Escultores, Organeiros, e outros misteres; as mulheres fazem os mais perfeitos panos de algodão. Fabrica-se nesta Provincia muito assucar, agoa ardente, vellas de sebo, e de cera, &c. Os Hespanhoes tem grande interesse nesta Provincia, pela sua immediata

communicação com o Forte do Príncipe da Beira; e mais extrema Portugueza, que limita o Guaporé; e he, igualmente com a Provincia de Chiquitos, hum proximo charmariz para a fuga dos nossos escravos, e hum refugio de pessimo effeito para os nossos criminosos. Se estas duas Provincias não existissem, com grande difficuldade nos faria esta Nação a guerra, faltando-lhe os mantimentos, gados, cavallos, canoas, remeiros, gastadores, praticos, e soldados, que ellas fornecem; e haveria hum vazio entre Santa Cruz e a extrema Portugueza, de quasi soo leguas de extensão, que dificultaria os seus sinistros intentos.

O Mamoré, da sua confluença com o Guaporé para baixo, corre a rumo geral de N. Navegadas as primeiras 11 leguas, se encontra a foz do pequeno rio Soterio, que lhe entra pela margem de Leste; e 12 leguas abaixo estão as duas pequenas Ilhas das Capivaras, na latitude de  $11^{\circ} 14'$ .

Nove leguas abaixo destas Ilhas, desagoa na mesma margem Oriental o rio Paca-nova, desde o qual continúa o Mamoré por espaço de 3 leguas até á cachoeira de Guajaramerim, ultima, ou a  $17^{\text{a}}$  para quem navega do Pará para Mato Grosso, e que se passa com facilidade. Huma milha abaixo desta cachoeira está a de Guajara-uagu, tambem de curta extensão; porém de trabalhoso e difficil passo, porque o rio se desliza por hum plano assaz inclinado, e a sua velocidade he ainda augmentada pelas muitas e pequenas Ilhas, que neste lugar espreitão o seu alveo.

Tres leguas abaixo de Guaraja, a rumo de N, existe a grande catadupa da Bananeira,  $15^{\text{a}}$  desta navegação; a sua cabeça está na latitude de  $10^{\circ} 37'$ , e a sua cauda na de  $10^{\circ} 35'$ , tendo esta catadupa, pelas muitas voltas que faz o rio, e pelas repetidas pedras, e ilhotes, que cobrem estes dous termos, mais de huma legoa de extensão; es-

paço remeado de penedos, ilhas, saltos, remansos e canaes, derramados pela grande largura de quasi meia legua, que o rio tem neste lugar. Esta cachoeira he huma das maiores e mais famosas desta navegação, e equivale a muitas cachoeiras unidas: humas vezes se passa a sua cabeça varando as canoas por terra; outras porém se conduzem por canaes rapidissimos, vencendo huma corrente enorme, trabalho que dura muitos dias, e summa fadiga e perigo.

Duas leguas abaixo da Bananeira está a  $14^{\text{a}}$  catadupa do Pão-Grande, de huma milha de extensão; e posto que para a passar se tire parte da carga das canoas, com tudo he vencivel com pouco trabalho.

Huma legua abaixo da precedente existe a  $13^{\text{a}}$  cachoeira das Lagens, que se passa facilmente, ainda que com algum trabalho.

Huma legua abaixo da cachoeira das Lagens está a barra do rio Mamoré, o maior dos braços do Madeira, e que este recebe pela sua margem Oriental. Esta junção fica na latitude de  $10^{\circ} 22' 30''$ , 33 leguas distante da foz do Guaporé, e 44 segundo 95 voltas e navegação do rio. A largura da boca do Madeira nesta confluença he de 494 braças, e a do Mamoré de 440; e a largura total dos dous rios unidos he de 900 braças, e hum grande fundo.

#### Rio de Madeira.

O Rio da Madeira, desde as suas origens, até o lugar da sua junção com o Mamoré, he conhecido e habitado pelos Hespanhoes com o nome de rio Beny, e sendo dos maiores braços do maximo Amazonas, havia tão pouco conhecimento do canal das suas agoas, que todas as cartas geographicas publicadas até o anno de 1777 o fazião entrar no

Amazonas como braço do Porús, rio que entra nelle por muitas bocas, 60 leguas a Poente da foz do rio Madeira; de tal fórma que inda nos dous Tratados de Limites de 1750, e 1777, no art. 7.º do primeiro, e decimo do segundo, se considera não existir este grande rio Beny, ou da Madeira, bem que por si só seja muito maior que os outros dous Guaporé, e Mamoré, suppondo-se nos ditos Tratados, que o canal formado pelas agoas destes dous ultimos rios, era o verdadeiro rio da Madeira, quando os outros são seus braços.

O ponto da junção dos rios Mamoré, e da Madeira, parece o mais natural para delle se lançar a linha recta de E a O até ao rio Javary, conforme o art. 11.º do Tratado de Limites, tanto para a conservação das actuaes possessões, e interesse das ditas Nações confinantes, como por não terem os Hespanhoes delle agoas abaixo estabelecimento algum, com que possam communicar, e só o podem fazer descendo o Beny até esta confluência, para della subirem o Mamoré, e deste o Guaporé, communicando por esta navegação com as suas Missões, que ligão e formão a Provincia de Mochoz, e que a dita linha projectada salva, deixando com esta commun navegação livres os estabelecimentos de cada hum dos confinantes.

O rio Beny, assim chamado pelos Hespanhoes, e da Madeira pelos Portuguezes, tem as suas remotas fontes pela latitude de 19.º, passando humda della pela Cidade da Paz, e correndo de S a N por 150 leguas, corre mais 100 ao NE até a sua confluência com o Mamoré, da qual com mais 245 leguas ao mesmo rumo de NE vai entrar no Amazonas com perto de 500 leguas de curso total.

Hum dos notaveis braços do Beny he o rio Tipony, que lhe entra pela margem do Poente, o qual pela sua veloz correnteza gastão os Hespanhoes 40 dias em subir até as minas deste nome, on-

de achão muito outro corrido entre as areias, havendo neste lugar hum povo tambem chamado Tipony, do qual são seis dias de aspero caminho, atravessando altas montanhas, até á Cidade da Paz. A foz deste rio, que tem muitos braços, e que se desce em 5 dias, está dous dias de navegação acima da Missão dos Reis.

Logo abaixo da confluência do Mamoré com o Madeira, principião mil penedos espalhados por toda a largura do rio, dos quaes hum, que está fronteiro á junção destes dous grandes rios, formado por huma só, e grande lage, tem capacidade para nelle se construir hum Presídio, que fecharia a entrada e a navegação destes dous rios: penedos, desde os quaes principia a 12.ª cachoeira, chamada do Madeira, formada de tres saltos, de meia legua de extensão, com grande largura e pezo de agoas. Na cabeça desta cachoeira se descarregão as canoas, passando as cargas por caminho de 300 braças, e as canoas pelo rio, vencendo os volumosos canaes, que fórmão as suas agoas. Resta dizer que o rio Beny, hum dia acima da sua junção com o Mamoré, tem hum grande cachoeira, que difficulta o poderem os Hespanhoes navegar desde as Missões, que nelle tem, até esta larga foz; communicando-se com as do Mamoré, ou por terra, ou pelos rios lateraes, que elle recebe.

Meia legua abaixo da cachoeira do Madeira está a da Misericórdia, que he a 11.ª; de curta extensão, mas de maior, ou de menor perigo, segundo o estado das cheias do rio.

Meia legua abaixo da precedente, existe a cabeça da 10.ª e grande cachoeira do Ribeirão, na latitude de 10.º 13': a sua extensão he de 4 milhas, ficando a sua cauda em 10.º 10'. He esta terminal, e trabalhosa cachoeira, formada por 5 diversos saltos, ou cachoeiras parciais: as canoas se descarregão totalmente, conduzindo-se as cargas por

caminho de terra de 20 passos, até a sua cabeça, na qual as mais das vezes se varão as canoas por terra; porém quando o rio leva maior cabedal de agoas, fórma vencíveis canoas, que se passão com bastante trabalho, e consumo de dias.

Inferior e contiguo á cabeça desta cachoeira, desagua na margem Oriental do Madeira hum pequeno rio, chamado Ribeirão, que vem das serras dos Parecis; já visto, e transitado desde ellas pelos primeiros Descobridores da Capitania de Mato Grosso, o qual se divide em dous braços, dous dias e meio acima da sua foz, em hum dos quaes não só acháño grandes formações de ouro, mas o mesmo metal em grande extensão de terra, em quantidade proporcionada a grandes jornaes, e maiores esperanças.

Quatro leguas abaixo da cauda do Ribeirão, espaço cheio de pedras e de correntezas, está a cachoeira das Araras, ou da Figueira, a 9.<sup>a</sup> deste rio, formada por ilhotas e penedos: he de breve extensão, e de pouco trabalho.

Oito leguas abaixo desta cachoeira desagua no Madeira pela sua Occidental margem, o rio Abuná, sendo esta foz o ponto mais de Occidente do rio da Madeira, e da Capitania de Mato Grosso. A distancia em linha recta, contada desde a boca do Abuná até o Araguaya, extrema Oriental desta Capitania, não tem menos de 300 leguas, que faz a sua largura, cuja linha continuada até ao Cabo de Santo Agostinho, faz a somma total de 600 leguas de hum inda impenetrado sertão.

A oitava cachoeira da Pedreira está quatro leguas abaixo da foz do Abuná, na latitude de 9° 31' 21", e supposto não seja de grande extensão, com tudo, como a largura do rio está toda semeada de hum sem numero de penedos, hums mergulhados, outros apenas sahindo á flor da agoa, esta repetida e perigosa alternativa augmenta o traba-

lho, passando-se as canoas vazias, e as cargas por terra, por caminho de 240 braças para se vencer a cabeça desta cachoeira, formada por dous saltos.

Meia legua abaixo desta cachoeira, faz barra na margem Occidental do Madeira o rio dos Ferradores, nome que tomou dos pequenos passaros assim chamados, cujo canto nada differe do som das alternadas pancadas, que dão os officias daquelles officio atarracando a terradura.

Tres leguas abaixo desta foz, existe a 7.<sup>a</sup> cachoeira do Paredão, assim denominada por formarem a sua cabeça hums unidos penedos fora do nivel das agoas, os quaes se estendem ao longo do rio por 15 braças, e a de largura, representando os restos de arruinadas muralhas, formando neste espaço hum estreito canal de pouco mais de 20 palmos de largo, de muito pezo e violencia de agoas, que as canoas vencem á sirga.

A sexta cachoeira he a dos Tres Irmãos, 6 leguas abaixo da antecedente, espaço cheio de pedras, e de correntezas, sendo a margem de Oeste do Madeira bordada de continuas colinas. Esta cachoeira tem hum quarto de legua de extensão, e he formada por varias, pequenas, e pouco distantes Ilhas; he vencivel com pouco custo; perto da cabeça desta cachoeira entra no Madeira pela sua margem de E o rio Mutumparaná, que vem com breve curso das serras dos Parecis.

Oito leguas de trabalhosa navegação abaixo desta cachoeira, está a do Salto do Girão, que he a 5.<sup>a</sup> na sua ordem, na latitude de 9° 21'; e supposto seja de curta extensão, he huma das mais trabalhosas e formidaveis do Madeira, o qual, correndo neste lugar por entre montes, se estreita consideravelmente, o que lhe augmenta a velocidade. Esta cachoeira he formada por 5 diversos saltos, e pouco distantes saltos, de que o mais superior fórma a sua cabeça, sempre invencivel, e

que sómente se passa varando as canoas em terra; e conduzindo-as por hum espaço de 350 braças de extensão, com grande declivio na sua subida e descida; gastando-se sempre nesta cachoeira, 10, 15, e mais dias de assiduo trabalho.

Legoa e meia abaixo do Girão está a 4.<sup>a</sup> cachoeira do Caldeirão do Inferno, de huma legua de extensão, formada por muitos penedos, e pequenas ilhas espalhadas por toda a largura do rio, que aqui he bastante consideravel, tudo a oppositos e diversos rumos; o que a faz perigosa, passando-se de humas ás outras por 3 trabalhosas sirgas, de que a ultima fórma na cabeça desta cachoeira o chamado Caldeirão do Inferno, onde a queda das agoas, circulando com movimento voraginoso, atrahê as canoas ao centro a ponto de as despedaçar nas pedras, que cercão o sorvedouro; o que faz seja esta cachoeira huma das temiveis e perigosas do rio da Madeira; com tudo em tempo de poucas agoas passa-se com pouco custo, e trabalho.

Legua e meia abaixo desta cachoeira, entra pela margem de Oeste no Madeira o pequeno rio Maparana; e navegadas mais 6 leguas, desagoa na opposta margem, depois de 3 pequenas ilhas, o rio Yaci-parana, ao qual se segue, depois da Ilha de Santa Anna, de huma legua de comprimento, com mais 6 leguas de navegação, a 3.<sup>a</sup> cachoeira dos Morrinhos, formada por muitas e pequenas ilhas, que esparzidas por toda a largura do rio fórnão 3 canaes, e na cabocreira 2 sirgas, que se passão facilmente.

Defronte, e pouco distante da margem Occidental do Madeira, ha 3 pequenos morros, de que tirou o nome a cachoeira; os quaes estão cobertos de sarça parrilha, droga que com igual abundancia se encontra na mesma margem do Madeira, proximo da cachoeira e salto do Girão, entrando

com quatro leguas de navegação por hum Igarapé, que nella desemboca.

Pouco mais de quatro leguas abaixo dos Morrinhos, de enfadonha navegação pelas muitas pedras e correntezas que se encontrão, está a 2.<sup>a</sup> e famosa catadupa do Salto do Theotonio, na latitude de 8º 52'. Esta cachoeira he formada por huma unida e alta corda de penedia, que atravessa o rio de margem a margem, quebrada em quatro diversas partes, pelas quaes se despenhão todas as agoas do caudaloso rio da Madeira, formando quatro volumosas columnas de bons 40 palmos de altura; e como da margem de E corre huma comprida restinga de pedra, parallela á dita corda de unidos penedos, que pelo seu comprimento encontra, e se oppoem ás agoas de 3 dos canaes, formando com o 4.<sup>o</sup> hum só canal, pelo qual sahe todo o pezo das agoas do rio, apertado entre a ponta desta restinga, e a margem do O. do Madeira, entre innumeraveis e nunca passadas correntezas, cachoeas, e pedras; vem a ser esta cachoeira de grande trabalho, varando-se nella sempre as canoas por terra, por hum aspero varadouro de 250 braças de extensão, trabalho que leva muitos dias para se vencer.

O lugar desta cachoeira he por muitos respeitoz o mais importante, e digno de attenção do grande rio da Madeira, merecendo por isso huma individuação particular.

Huma legua abaixo da cachoeira do Salto se encontrão grandes e multiplicados penedos, que abrangendo a largura do rio, fórnão hum pequeno salto, e huma trabalhosa sirga, que chamão do Macaco, e que equivale a huma mediana cachoeira.

Dias leguas abaixo da sirga do Macaco, está a cachoeira de Santo Antonio na latitude de 8º 48', a qual he a primeira que se encontra navegando o Madeira agoas arriba, formada por grandes ilhas

de soltas pedras, que dão origem a 3 volumosos canoas, que se vencem com bastante fadiga, descarregando parte das canoas. Estas 17 cachoeiras occupão hum espaço de 74 leguas de navegação, as 12 primeiras no rio da Madeira, e as 5 ultimas no Mamoré. Os combois das canoas de commercio de 7 e 8 remos por banda, que viajam nas monções convenientemente, passão estas cachoeiras regularmente em 3 mezes, porém algumas vezes gastão mais tempo, segundo o estado em que ellas se achão, determinado pelo maior ou menor cabedal de agoas dos rios, que as formão. Dous palmos de mais, ou de menos, lhes occasionão hum alteração notavel, e basta esta pequena quantidade de agoa para diminuir as sirgas, e saltos, facilitando breves canoas em algumas dellas; ao mesmo tempo que em outras o maior pezo das agoas faz succeder tudo pelo contrario. Na maxima cheia do rio inda se difficulta mais esta longa navegação; cada arvore cahida, ou mesmo hum ramo copado, que mergulhe na agoa, he hum correnteza, hum pe-rigo, hum sirga, e hum trabalho; por isso se deve buscar tempo proprio para esta carreira, e o melhor será principiar a passa-las desde Julho até aos fins de Setembro.

Na cachoeira de Santo Antonio termina pelo N a extrema da Capitania de Mato Grosso; e comparando este ponto com a foz do Ipané no Paraguay, sua extrema Austral, lhe resulta hum comprimento de 300 leguas de N a S.

Pouco mais de 4 leguas abaixo da cachoeira de Santo Antonio, existe a famosa, alta e grande praia do Tamandó, onde pela sua altura e extensão vem depositar milhares de ovos para a sua procreação as muitas Tartarugas do rio da Madeira, escavando nesta praia fundas covas, em que os depoem; cada Tartaruga alli deixa de hum vez de 80 até 120 ovos, que tantos são os que em

si conserva até ao tempo da postura, cobrindo-os depois solidamente com a areia, que escavarão. Este abundante deposito faz hum das riquezas deste lugar, vindo as canoas do Pará todos os annos a esta praia, e desenterrando os ovos, em poucas horas fazem delles manteigas, de que enchem muitos centos de potes; manteiga excellente, não só para luzes, mas para frigrir peixe, e temperar muitas comidas. Esta facil fabrica nesta, e em outras praias do Madeira, rende 5 e 6 cruzados.

Da praia do Tamandó são 12 leguas, depois de se passarem, além de muitas bahias, as ilhas Mariuahi, das Guaribas, e Mundiba, cada humas dellas de legua de extensão, até á foz do rio Jamary, o maior que desagua na margem Oriental do Madeira. Este rio traz as suas origens, conhecidas com o nome de rio das Candias, da face Oriental das Serras dos Parecis, fazendo contra-vertentes com as do rio Curumbirá, e outros braços do Guaporé, e em humas dellas se julga existirem as minas de Urucumacú. Tem este rio constante fama de aurifero, e diz-se que os Jezuitas daqui extrahirão muito ouro, vencida hum grande catadupa, que este rio tem, 2 dias de viagem acima da sua foz.

Duas leguas abaixo desta foz do Jamary, está a ilha Tucunaré, e o lago do mesmo nome na margem de E. do Madeira. Seis leguas abaixo da boca deste lago, está na opposta margem a boca do lago Puncá, depois de duas e não pequenas ilhas do mesmo nome, na latitude de  $7^{\circ} 24' 12''$ , ponto, desde o qual, segundo o art. 11.º do Tratado de Limites de 1777, se deveria tirar a linha recta do Nascente a Poente, até encontrar o rio Javary, para extrema daquelles largos sertões, entre Portuguezes e Hespanhoes, linha que daria á ultima Nação terrenos, que nunca vio, e que a primeira sempre trilhou com incontestavel posse.

Legua e meia abaixo da bahia Puncã, entra pela margem de E. no Madeira, o rio Puanema, e 2 leguas mais abaixo pela margem opposta recobra aquelle rio o Macassipé, ambos de curta extensão.

Quasi 8 leguas mais abaixo, e 19 de navegação, contadas da foz do Jamary, desagua na mesma margem Oriental do Madeira, o rio Giparaná, ou Machado, de igual grandeza ao Jamary.

Do rio Machado, navegando pouco mais de legua, entra no Madeira pela mesma margem, o pequeno rio Machini; e com 14 leguas de navegação total, em que se passão as ilhas das Flechas, e do Batuque, se chega á boca do rio das Arraias, de pouca extensão, o qual entra no Madeira pela sua margem de O. Pouco mais de legua abaixo do rio das Arraias, estão as ilhas deste nome, que são 3, e se comprehendem em 2 leguas de extensão; tres leguas abaixo das quaes está a das Paraybas de legua de extensão.

Quatro leguas abaixo da precedente está a ilha Piraya-nará de igual grandeza, defronte da qual desagua na margem Oriental do Madeira o rio do mesmo nome.

Duas leguas abaixo da foz deste rio existe a ilha dos Periquitos, de legua d'extensão; e logo a dos Pagods de quasi igual grandeza; á qual se seguem, navegando tres leguas, as ilhas de Santo Antonio, que são 3 contiguas. Huma legua abaixo dellas principia a ilha das Minas, a maior deste rio, de 3 leguas de comprido, e mais de huma de largo, cuja ponta de N. está na latitude de  $6^{\circ} 9' 16''$ , 25 leguas abaixo da foz do rio das Arraias.

Pouco mais de 6 leguas abaixo desta ilha, depois de passada outra pequena, entra pela margem de O. no Madeira, o pequeno rio Baetas; e delle, com mais 7 leguas de navegação, se chega á ilha e boca do rio Aruapitara, que desagua no Madeira pela sua margem Oriental.

Quatro leguas abaixo do antecedente, entra pela mesma margem, o rio Araxiá, ou Marmelo, de não pequena extensão; defronte de huma ilha de 2 leguas de comprido.

Duas leguas abaixo da foz do Araxiá, faz barra na mesma margem Oriental do Madeira, o lago Marcutuba, defronte de huma ilha, cuja latitude he de  $6^{\circ} 5'$ .

Duas leguas abaixo principião as ilhas de Ursupé, de mais de legua de extensão, das quaes faz o rio huma apertada volta para o Poente de tres leguas de navegação, em cujo espaço lhe entra pelo dito rumo, o rio Capaná, o maior que desagua na margem Occidental do Madeira. O Capaná communica-se, com 10 dias de navegação, por hum lago commum, com o rio Porus, grande braço de Amazonas.

Duas leguas e meia abaixo do Capaná principião as 3 ilhas do Jatuáranas, que occupão o espaço de 2 leguas em apertada volta; e 3 leguas abaixo da ultima, entra no Madeira pela sua margem de E. o rio Manicoré de pequeno curso.

Tres leguas abaixo do Manicoré, entra no Madeira pela sua Occidental margem, passada huma ilha, o ainda menor rio Maurasutuba; e huma legua abaixo, na latitude de  $5^{\circ} 37'$ , existe a ponto de S. da pequena ilha Matupiri.

Tres leguas abaixo deste ponto, faz barra na margem de E. do Madeira, o rio Anhangatiny; e 2 leguas abaixo desta foz, principia a ilha do Jemipaga de 2 leguas de extensão, a legua abaixo de cuja ponta de N., desagua na mesma margem Oriental do Madeira o rio Mataurá, que communica com o rio Canamá.

Duas leguas abaixo do Mataurá está a ilha de Uruá, de 2 leguas de comprido; e outras 2 leguas inferior a ella, desagua, na margem de E. do Madeira o pequeno rio das Arrás, defronte de hum

ma ilha do mesmo nome de 3 leguas de comprimento; huma legua abaixo da qual entra pela mesma margem Oriental o pequeno rio Ariupaná.

Tres leguas abaixo do Ariupaná faz boca na mesma margem o lago Matary, abaixo do qual outras 3 leguas, estão as duas ilhas de José João, que comprehendem o espaço de 2 leguas.

A ilha do Jacaré está 2 leguas abaixo das antecedentes; e defronte della, na margem de Oeste do Madeira, está a boca do lago Ararany, do qual são 2 leguas ás duas parallelas ilhas de Carapuntuba; outra legua abaixo dellas existe a ilha Mandiuba de legua e meia de extensão.

Huma legua abaixo da ponta inferior desta ilha está a boca do Uautás, braço, ou furo do rio deste nome, que entra no Madeira pela sua margem Occidental. Navegando por este furo 11 leguas a Oeste, chega-se a hum grande lago, que fórma muitas ilhas, todas ellas cobertas de páo cravo em grande abundancia. Neste lago entra o rio Uautás, que além deste furo, e boca que faz para o Madeira, fórma outras duas differentes e semelhantes communicações, porque desagua igualmente no grande Amazonas; a primeira 2 leguas a O. da que faz o Madeira no mesmo Amazonas, e a segunda 30 leguas ainda mais a Oeste, e 2 acima da confluencia do rio Negro no mesmo Amazonas.

Cinco leguas abaixo da dita boca do Uautás, está situada sobre a margem Oriental do Madeira, e defronte das ilhas das Onças, a Villa de Borba, na latitude de  $24^{\circ} 23'$ , e longitude de  $318^{\circ} 7'$ , unico e pequeno estabelecimento Portuguez neste grande rio.

De Borba navegão-se 12 leguas, em que se passão, situadas na mesma margem Oriental do Madeira, as bocas dos lagos Jatuaraná, Macacos, do Frechal, Taboca, Cauhintá, Guaribas, e Ana-

aná, e as ilhas Trucurané, Pipiuacá, e Uaximé, até á larga boca do furo Tupinambaranas, defronte da ilha Maracá. Este furo he hum braço, que se divide do Madeira, formando com elle, e com o Amazonas, a que sahe, huma ilha de 50 leguas de comprimento, e 20 de largo. Navegando por este furo a rumo geral de E., até sahir ao Amazonas, desagoão nelle seguidamente os rios Cunamá, Abacachiz, Apliquiribó, Maguençá, que he de grande extensão, formado por muitos braços e largos, em que vive a valente Nação do mesmo nome; — Mogue-merim, Massari, Andiras, e Tupinambaranas; todos estes rios vem do S., e são habitados por outras tantas Nações, sendo abundantes em sarça, cravo, cacao, uaraná, e outros effeitos.

A Nação Magué, ou Maué, he a authora da celebre bebida do Guaraná. Este fructo nasce em hum arbusto ou sipó; e he da grandeza de hum grão de bico; he huma especie de pequeno coco, semelhante ás amendoas, com a pele delgada de cor roxo-escura, e a massa interna, ou coco, branca amarelada. Este fructo torrado, e depois pizado no pilão, se reduz a huma massa, de que se fazem huns páos redondos, como os de cocholate, que ficão durissimos, e se ralão regularmente na lingoa do Pirauruci; e lançada huma colher deste pó em agua com assucar, fica preparada esta bebida, que se usa em Mato Grosso. Atribuem-se-lhe mil contriditorias virtudes; sendo hum grande amargo, he frigidissimo; passa como remedio aprovado para diarreas, ou hebedio, ou em crises; para dores de cabeça, e retenção de urinas; em grande uso relaxa o estomago, causa insomnolencias, e dizem que produz effeitos, que se oppoem á propagação da especie.

A celebre, e valente Nação Tupinambá, que faz do seu idioma particular a lingoa geral do Brazil, e que habitava as costas de Paranamucuo, Ba-

hiá, Maranhão, e do Pará, depois de fazer mortal guerra aos primeiros Portuguezes, que povoavam aquellas largas costas, se retirarão para a alta e extensa serra da Ibiapava, da qual, perseguidos, mas não conquistados, emigrarão para os sertões da America, vindo depois algumas Tribus cachobeles-se nesta ilha, a que derão o nome, tirando-se delles amigavelmente muito colonos para as povoações primitivas do Estado do Pará.

Em fim, da boca do furo Tupinambaranas no Madeira, navegando 14 leguas, em que se passão, além do lago Massurany, as ilhas do Tenten, Carapaná, e outras menores, se chega á fôz de 1100 braças de largo, que este grande rio faz no Amazonas, na latitude de  $3^{\circ} 23' 43''$ , e longitude de  $313^{\circ} 52'$ . O rio da Madeira, considerado por todos os lados, não cede a outro algum dos que se comprehendem no amplissimo paiz das Amazonas, e no extenso territorio Luzitano da America Meridional. Todos os expressados e lateraes rios, que recebe, são de facil e concentrada navegação, sendo alguns delles de não pequeno curso, communicando-se, como o Capaná, Uautás, e Mataurá, com outros igualmente grandes. Da mesma fôrma, os muitos lagos, que lhe entrão, são de grande superficie. As margens do Madeira, dos seus confluentes, e dos lagos com que se enriquece, são povoadas de densos matos, habitadas por numerosas Nações de Indios, e riquissimas em sarça, cravo, baunilha, puxiri, e cacão, e este ultimo na maior abundancia: muitos dias se navega o Madeira, em que os arvoredos que bordão as suas margens são cocoadas. Neste grande rio se podem tirar todas as madeiras, em que abunda a soberba costa do Brazil, tanto para toda a qualidade de construcções, como para obras de marcenaria, e de delicada curiosidade, entre as quaes se encontrão as do maior cumprimento e largura: igualmente se

encontrão aqui os oleos, gomas, rezinas, e outros generos do reino vegetal, esperando que não vivificadora lhes dê novo ser em vastas applicações.

Nas 186 leguas, que se navegão desde a foz do Madeira no Amazonas até á primeira cachoeira de Sanno Antonio, se comprehendem, além de outras menores, mais de 30 ilhas de huma, duas, e tres leguas de extensão, cobertas de altos e copados arvoredos; e grandes praias, em que se encontra pastosa quantidade de ovos das muitas aves, que alli os vão depositar. Neste rio vê cu mais de 40 especies diferentes de pecados, todos gratos ao paladar, e muitos de gosto delicado, entre os quas o peixe Boi, ou Manali, e a Paraíba, dão qualquer delles hum bom jantar para go homens; depois destes, são de não pequena corpulencia o Piracurucú, o Turuby, e o Jundiá. A abundancia de tartarugas, de 2 arrobas, e mais de pezo, he igualmente admiravel, e de outros amphibios de concha, como Tracajá, Matamáá &c. A caça rasteira, e do ar he do mesmo modo copiosa; o que mostra bem a singularidade deste grande rio, com terras firmes, altas, e proprias para huma abundante cultura; não faltando nelle os formidaveis Jacarés, que se encontrão aos bandos.

As margens, que fôrmao as catadupas deste grande rio, ainda são mais vantajosamente situadas, por ser terreno mais solido, alto, e pingue, que fôrmao as doces escarpas das extensas serras dos Parecis; e que guardando em si, além das riquezas privativamente derramadas pelo amplissimo paiz do Amazonas, muitas, e concentradas minas, parece convidar os homens, que se não contentarem com os lucrativos effeitos, que a Natureza alli espontaneamente cria e offerece, com o ouro metal, que a avidex, ou a necessidade das Nações polidas constituo o primeiro valor de todas as cousas.

Finalmente, o rio da Madeira, cheio de tan-



Tabella das Latitudes e Longitudes dos Lugares mais notaveis da Descripção Geographica da Capitania do Mato Grosso, observadas pelos Astronomos Portuguezes, que desde o anno de 1780 torão empregados nas Demarcações de Limites.

LUGARES.		Latitudes			Longitudes.			Variações de angulos.	
		o	'	"	o	'	"	o	'
Amazonas.	Cidade do Pará.	1	27	2	329	2		0	0
	Boca do Furo do Limoeiro.	1	53	41					
	Rio das Arcias.	1	9	39					
	Gurupá.	1	23	37					
	Alter do Chão.	2	29						
	Santarem.	2	24	50	323	15			
	Pauzis.	2	55						
Foz do rio Madeira.	3	23	43	318	52	5			
Rio Negro.	Forte da boca do Rio Negro.	2	9						
	Moura.	1	26	45					
	Poyares.	1	7	8					
	Catucicoiro.	1	23	20					
	Barcellos.	0	58		314	45			
	Cosri.	4	9						
	Villa da Ega.	3	20		312	41			
	Nogueira.	3	18	30					
	Marco da boca do Avatiparaná.	2	31		310	18	30		
	Fonte-boa.	2	30						
Solimões.	Foz do Madeira no Amazonas.	3	23	43	318	52	5		
	Villa de Borba.	4	23		318	7	15		
	Ponta do N. da Ilha dos Muros.	6	34	15					
	1. <sup>a</sup> Catadupa de Santo Antonio.	8	48						
	2. <sup>a</sup> Salto do Theotonio.	8	52						
	3. <sup>a</sup> do Girão.	9	21						
	4. <sup>a</sup> Pederneira.	9	31	21					
Cauda do Ribeirão.	10	10							
Cabeça do Ribeirão.	10	14							
Mamoré.	Confluencia do Mamoré no Madeira.	10	22	30					
	Cauda da Bananeira.	10	35						
	Cabeça da Bananeira.	10	37	0					
	Ilha das Captiváras.	11	14	30					
Guaporé.	Confluencia do Guaporé no Mamoré.	11	54	46	319	28	30		
	Boca do Cautarios.	12	13	30					
	Destacamento das Pedras.	12	52	35	314	37	30		
	Forte do Principe.	12	26		312	57	30		
	Guarajuz.	13	26	4.	315	55	30		
	Boca do Paraguaú.	13	33						
	Tórres.	13	39						
	Boca do Rio Verde.	14							
	Porto do Cubatão.	14	31						
	Sararé.	14	51						
Villa Bella.	15			317	42				
Terrens contiguos a Villa Bella.	Cazal Vacco.	15	19	46					
	Morro das Salinas.	15	46						
	Baliza no Paraguaú.	15	48						
	Passagem no Paraguaú.	15	45						
	Engenho do Padre Fernando Vieira.	15	16						
	Borda da Serra do Agoapety, 4 le- guas acima de Santa Barbara.	15	52						
	Registro do Jaurú.	15	44	32					
	Salinas, Tapera do Almeida.	16	19						
	Pão-a-pique.	16	21						
	Borda Oriental do Mato, ou Estiva.	15	27	38					
	Arroyal do Pilar.								
	Santa Anna.	14	45						
	S. Vicente.	14	30						
	Chapada.	14	47						

Tabella das Latitudes e Longitudes dos Lugares mais notaveis da Descripção Geographica da Capitania de Mato Grosso, observadas pelos Astronomos Portuguezes, que desde o anno de 1780 forão empregados nas Demarcações de Limites.

LUGARES.		Latitudes			Longitudes.			Variações da	
		M.						agulha.	
		o	'	''	o	'	''	o	'
Paraguay.	Morro Escalvado.	10	42	58				zero.	zero.
	Ponta de N. da Serra da Incoa.	17	33						
	Letreiro da Gaiba.	17	43					10	30
	Pedras de amolar.	18	1	44	320	13	30	10	30
	Povoação de Albuquerque.	19		8	320	3	15	10	15
	Presidio de Coimbra.	19	55		320	1	45	10	8
	Marco da foz do Jaurú.	19	23		320	10		11	44
	Villa Maria.	16	3	33	320	2			
Fazenda de Sua Magestade da Cagsará.	15	4	43						
Cuyabá.	Confluencia do rio Caiba no de S. Lourenço.	17	19	48	320	50		10	
	Boca inferior do Pirahim.	16	28	52					
	Villa do Cuiabá.	15	36		321	35	15	9	55
	S. Pedro d' El Rei.	16	16		321	20	15	9	30
	Boca do Taquari.	19	15	16	320	28	18	3	
	Boca do Cochim.	18	33	58	322	37	18		
	Fazenda de Camapum.	19	36	14	323	38	45		
	Salto do Corão.	20	5						



Epodo 1.º

O Príncipe Immortal, qu' o Luso adora,  
 E paz celeste esteja,  
 E por quem Ullicéa  
 Suspira sem cessar, e afflicta chora:  
 Conduzamos luzente  
 Té onde vai brilhar Phlegonte ardente.

Estrophe 2.ª

Cheio de avita gloria,  
 Mais do que teve o Povo de Quirino,  
 O Ramo Bragantino  
 Egregio, occupa o Templo da Memoria:  
 No throno Lusitano,  
 João, delicias suas,  
 Tambem quebrar podera as meias luas  
 Ensopadas no sangue Tangitano.

Antistrophe 2.ª

Mas da Virtude ao mando  
 Do Grego Alcides não demanda o passo,  
 Que só hum peito de aço  
 De Marte segue o sanguinoso bando:  
 A Paz, só Paz sagrada  
 O Coração lhe alenta,  
 Té que vê rebentar Gallia tormenta,  
 Para que aña a cortadora espada.

Epodo 2.º

Bem que o vejamos em baixel veleiro,  
 Com hum denodo egregio,  
 Vir pôr seu Throno Regio  
 No tôpe do Brazillco Janeiro . . . .  
 Da Patria aos ais, e aos gritos,  
 Lá deixa mais de mil Scipioens invictos.

Estrophe 3.ª

Os empoados arnezes,  
 Qu' outrora forão esplendente ornato . . . .  
 Ao belicoso trato  
 De novo os vem indomitos Francezes:  
 Os golpes valerosos  
 Dos Luzitanos braços,  
 Já tem provado, retrogrando os passos,  
 Com que vinhão soberbos, e orgulhosos.

Antistrophe 3.ª

Junot tumido, e fero,  
 Arrogante Massena, e Soult astuto,  
 Sanguinoso tributo  
 Pagar vierão ao Lusitano, e Hiberno:  
 Em vão Plaucio, Vitulio,  
 Contra Viriato assaltão,  
 Mais seu valor, e intrepidez esmaltão,  
 Qual a dos Gregos n' arruinada Ilio.

Epodo 3.º

Na Roliça, Vimeiro, e no Bussaco,  
 Ignivomos, ardentes  
 Heroes, virão valentes,  
 Dignos dos hymnos do Venusio Flaccó:  
 Sua fama inda ressoa  
 Nos vastos reinos do flamigero Eða.

Estrophe 4.ª

Arapiles, Victoria,  
 E as grandes praças, Badajoz, Rodrigo,  
 Do protervo inimigo  
 Na ruina, ganhão perennal memoria:  
 O Corso vacillante,  
 Na tenebroza testa  
 Treadobra esforços, qu' a ambição lhe apresta,  
 E o coração forrado de diamante.  
 e ii

Antistrophe 4.<sup>a</sup>

Porém do Norte correm  
Mil bronzeos troncos, que o trovão vomitão,  
E as hostes precipitão  
Do feroz monstro, que raivando morrem:  
As carnes se arrepião  
A' vista dos estragos,  
Vendo ferver os espumantes lagos,  
Dos qu' em pedaços ao negro Orco envião.

Epodo 4.<sup>o</sup>

Já cem naçoens, qu' os ferros arrastavão,  
O Macedonio jugo,  
Livres do impio verdugo,  
Reluzindo em prazer, despedaçavão;  
Tal do Corso a despeito,  
Cedo veremos seu grilhão desfeito.

Estrophe 5.<sup>a</sup>

Talvez que vulgo insano  
Nos julgue, ó Lyra! que perdido o rumo,  
O tempo em vão consumo,  
Ou qu' errado o baixel lhe largo o pano:  
Mas os qu' em Pimpia tecem  
Coroas d'alvas flores,  
Bem sabem meus alados corredores  
Que sujeitos, e promptos me obedecem.

Anistrophe 5.<sup>a</sup>

Do horrído monstro em quanto  
Na Hesperia as hostes tú, Artur, abrazas,  
Sobre o Brazil em tanto  
Abre João as fulgurantes azas:  
Da provida Amalthea  
Impetuosas correntes  
Vão fecundar as venturosas gentes,  
Que bateja dos Ceos divina Astrea.

Epodo 5.<sup>o</sup>

Por entre bravos aquilões gelados,  
João, Luso Tonante,  
A' não alta, e possante  
Guardou robusto os combatiidos lados;  
Des qu' avistou velleiro  
O scintillar do lucido Cruzeiro.

Estrophe 6.<sup>a</sup>

A dextra costumada  
A suster em bonança o leme de oiro,  
O Colcido thesoiro  
Não preza tanto, como a gloria herdada:  
O brio, e a honra augusta,  
Esmalte ao Luso Throno,  
Tem nos Seculos fiel, constante abono,  
Que ao Nume do Brazil lhe quadra, e ajusta.

Antistrophe 6.<sup>a</sup>

Torpe ambição, e inveja,  
Furias cruéis, qu' as negras azas batem,  
Em vão, em vão combatem,  
S' he contra Lusus a infernal peleja:  
João, dos astros mimo,  
Aos viz monstros, e ao dólo  
Lhe sopêa a cerviz, lhe calca o colo,  
Sendo aos Vassallos perennal arrimo.

Epodo 6.<sup>o</sup>

Do aurífero Brazil no Solio ingente . . .  
Detem, ó Lyra! o passo,  
Que o vento sopra escaço  
De Lybethra na limpida corrente,  
Quando engrossar mais forte,  
Meu Principe será meu Pólo, e Norte.

*O Professor de Filosofia da Villa Rica.*

*Discurso offerecido aos Bahianos no dia da abertura do seu novo Theatre, aos 13 de Maio de 1812, Dia dos Annos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor.*

por B.\*\*\*

*Des passions la sensible peinture  
Est pour alier au coeur la route la plus sure.*

Boileau Art. Poet.

**A**lterão-se as Naçoens, cahindo as eras,  
Estas dos vicios solapada expira,  
Est'outra o crime de seu pezo esmaga:  
Azia outr'ora mandon o Mundo inteiro;  
Mas hoje apenas no-lo conta a Historia:  
Quem hoje habita o Egypto, e quem Athenas?  
Das cinzas de Carthago surge Roma,  
Roma, dos Reis terror, do Mundo espanto;  
E a Patria dos Catoens, patria dos Fabio  
Ao jugo aventureiro a cerviz dobra.  
Qual a gangrena as carnes apodrece,  
Pouco a pouco as Naçoens os vicios minão.  
Anime o Patriotismo o Rei prudente  
E jamais o Egoismo a Nação toque;  
Nunca a deslumbrem da victoria os raios,  
Dura hum momento da victoria o brilho.  
Segue o fausto á Grandeza, ao fausto a queda;  
Dos insultos dos Pais os filhos gemem,  
E a Historia leva aos seculos vindouros  
Ensovalhado nome apar dos crimes,  
Destruidor Volcão na França estoira,  
E a lava pestilenta a Europa infecta,  
E das voragens novo monstro surge;  
Tudo he devastação; horrores tudo;  
Ao ver Napoleão, Protheo de crimes  
As Bellas Artes, as Sciencias tremem;  
Já da Grecia a rival se despovoa,

Do Genio as luzes, os prodigios d'arte,  
Reunidas n'um ponto o Sahio vendo,  
De Ptolomeo recorda o caso triste,  
Não, não: de balde o Vandalismo tente  
Fazer retrogradar do Esp'rito a marcha,  
Co'a Imprensa Coster segourou-lhe os passos.  
O Facho da Discordia o crime empunha  
No ar espaçando guerra! brama  
E os roucos sons rimbombão, guerra! guerra!  
Do bronze os toncos, o tinir das lanças  
Da Europa com a paz, espanca as Artes. . .  
Mimozas Filhas do celeste Pindo,  
Ceo mais ameno que o da Grecia, cobre  
Carinhosos Brazil, que a vós se off'rece:  
Qual a flor em terreno mais benigno,  
Mais linda mais viçoza ao sol se ostenta,  
Taes em seu seio brotareis mais bellas.  
Hum do Vosso Diniz Ditozo Nêto  
O caminho vos mostra, eia segui-o:  
Do Estro os vicos desprende! afoitas.  
Já de Neptuno a sanha, o a furia insultão  
Soberbas quilhas, tremolando as Quinas,  
Povos! Se os Luzos, com o invencível Gama  
Ao mando do seu Rei debelão Reinos,  
Hoje o que farão por seu Rei guiados? . . .  
Não dos raios da guerra armada a dextra,  
Não profugo demanda alheios climas,  
O que as Esferas Rege, e os Reis Domina  
Hum Novo Imperio levantar-lhe ordena,  
Quer que nos coraçoes as bezes firme:  
Que ao lado da pacifica Oliveira,  
Estreitados em doce, amigo abraço,  
Embelezem o throno Artes, Sciencias,  
Do Amazonas ao Prata a Natureza  
A nobre pompa sua patenteia,  
Todas as regioens aqui se enleito:  
Esta do Globo mais brilhante parte,  
Do Grão Rei aos Dominios Cabral junta:

Dos Semideozes, que arvorando as Quinas,  
Do mar remotos terminos quebrarão,  
Os netos são que as portas lhe defendem,  
O mesmo brío, e sangue inda os anima,  
E ao aceno do Rei vereis ó Povos!  
Albuquerque surgir, surgirem Castros  
Encarái Portugal, vereis prodigios.

No Novo Mundo vistas a primeira,  
O' mui feliz Bahia!, a face Augusta,  
D'um Principe querido, e a regia planta  
O teu brazão marcou, Bahia exulta!  
De tão sublime gloria assoberbada,  
He teu dever mostrar qu'es digna d'ella,

Ah! Se ten Pai, teu Principe te deixa,  
Mora em seu coração terna saudade;  
Conhece o seu amor na escolha digna  
D'aquelle, em quem depoz a gloria tua!  
He seu, he vosso amigo o Conde Illustre, (1)  
A quem tu deves . . . quem ignora quanto!

Ao som da sua voz hoje, ó Bahianos!  
Dos costumes a escola as portas abre;  
Castigue os vicios aterrando, em rindo,  
Goste em Merope a Mãe, da Mãe extremos,  
E de Medéa ao aspecto, os olhos volte:  
Ao ver Atréo, de horror o Irmão se cricce:  
Do Amigo as faces Pylades alegre:  
Amor chore d'Ignez a sorte infesta;  
Manchando o filio em sangue parricida,  
Do Fanatismo o horror Matoma inspire;  
Do ciume o furor Fayel ostente:  
Que o rizo mufador opprima, e corra,  
A Hipocrisia, a sordida Avareza  
De baixos coraçoes, mais baixos vicios.  
Em voz e gestos proprios declamada,  
A boa Poezia ás almas fale;  
Que d'armonia os sons o ouvido encantem,

(1) O Ex.<sup>mo</sup> Conde dos Arcos D. Marcos.

Que magico pincel a vista illuda.  
Num ar bizonho, em acanhados modos,  
No máis pejo, a decencia não consiste,  
Quanta sombrio resto ao criminoso,  
Ó refalsado ar á Hipocrisia,  
Desenvoltura da licença he marca,  
He grave, he lhana da decencia a face.  
Nunca do honesto se transcenda a meta,  
Nunca permita maculada scena,  
Que ofendido decoro afronte o pejo:  
A punição do crime o criminoso,  
E da virtude o premio o justo, veja;  
Saiba o innocente da maldade as tramas.  
Da boa sociedade o trato honesto,  
Das Bellas-Artes polidor estudo,  
Costumes escabrosos amaciem.  
Nua do som didactico, a Virtude  
Melhor ao coração no exemplo fala,  
E a mente deleitando, a scena pôde  
As normas da moral gravar sem custo.

Tradução de huma passagem do Livro 2.<sup>o</sup> das  
*Gérgicas de Virgílio. Per B.\*\*\**

**F**eliz quem da natura as leis conhece,  
Quem calca aos pés o medo, afronta a morte,  
Desdenha as sombras de Acheronte avaro.  
Venturoso o que segue as leis suaves  
Das francas, das campestres Divindades.  
A purpura dos Reis, varas do Povo,  
A do interesse vóz, que enfrêa o sangue,  
O Danubio em furor vomite armados,  
Morrão estados mil, florece Roma,  
O dezejo importuno, o dô penoso  
De seus dias a paz jámais perturbaõ.  
Jámais aos tribunacs forão seus ecos

De vãos direitos disputar a posse,  
 Na terra, que regou, vê seus thesouros,  
 D'arvore, que plantou, se aquece, e nutre.  
 A Neptuno fatigüe outro c'os remos,  
 Aviltem-se na Corte; o ferro amolem:  
 Que o terror das familias, o guerreiro,  
 Cidades mil saquêe, o sangue entorne  
 Para em oiro beber, dormir na pur'ra:  
 Seus thesouros o avaro enterre, e incube;  
 Na tribuna o orador, na scena o vate,  
 Do povo o incenso nutra-lhe a vaidade:  
 Tinto em sangue do irmão, o irmão blazone,  
 E vá durar, morrer da Patria longe.

Em paz o lavrador dirige o arado,  
 Com elle a Patria, os Filhos, seus rebanhos,  
 O boi de util trabalho companheiro,  
 Qual seu Pai sustentou, sustentar sabe.  
 Povoalhe o curral do armento a prole,  
 A seara os celeiros lhe enriquece,  
 De Pomona com os dons os cestos vergão,  
 E d'outono os calores bem fazejos  
 Os perguçosos cachos lhe assucarão,  
 Na gelada estação resente o outono,  
 Gratias, seus dons as arvores lhe offrecem,  
 Corre o azeite gostozo em fios de oiro.

Pendem do colo seu, beijos lhe pedem,  
 Sua maior riqueza, os seus filhinhos;  
 Raina o pudor na mui frugal familia.  
 O doce leite escuma entre os seus dedos:  
 Os cabritinhos com as nascentes pontas  
 Sobre a relva brincoens, saltando marrão.

Das festas repartir sabe o descanzo  
 Entre o devoto culto, e prazer util:  
 Promete premios ao sagaz, ao forte,  
 Este mostra na luta ardil e força,  
 E na carreira aquelle alcança a meta,  
 Com grito vencedor os ares fere.

Na innocencia os Sabinos taes vivião:

Dos soberbos Toscanos a potencia  
 D'esta arte se augmentou, d'esta arte Roma,  
 Hoje dos homens arbitra, e do Mundo,  
 Deve ás rusticas mãos seu vasto imperio.

Dias da idade d'oiro, amenos dias!  
 O' costumes campestres, são costumes!  
 A grei sem dono, sem tirano os homens,  
 Em paz vivião; o clangor da tuba  
 Não conglobava furibundas hostes:  
 O' oiro corruptor, ferro homicida,  
 Motor, arma das guerras, vós não tinheis  
 Corrompido, assolado a madre terra.

*Pela occasião de ser nomeado Vice-Rei dos Estados da India o Excellentissimo Senhor Conde de Palma, apparecerão os seguintes Sonetos em Villa Rica.*

## SONETO.

Qual, a quem ferio Jove, em pasmo fica,  
Do ser da vida em horrído quebranto,  
He d'est'arte, Senhor, que em magoa, e em pranto  
De seus braços te sôlta Villa Rica.

Nos labios presa a voz, que a dor explica,  
O peito negro, qual da Noite o manto,  
A tanta perda, a sacrificio tanto,  
Em vão o allivio busca, em vão o applica.

Seu thesouro melhor se vai contigo;  
O Pai em ti lhe leva o Fado ingrato,  
Em ti lhe leva o Bemfeitor, o Amigo.

Teu rosto, ah! sim nos rouba, e doce trato;  
Mas não nos rouba tudo o fado imigo,  
No peito inda nos fica o teu retrato.

*Herent infixi pectore vultus.*

*Eneid. L. 4. V. 4.*

*Per A. da R. F.*

## SONETO.

Seculos tres, ou mais, já são passados,  
Depois, que o claro Indo, em aurea fama,  
Aos Lusos franqueou affeito Gama  
„ Por mares nunca dantes navegados. „

Ainda os Louros, desde então cortados  
Na magestosa Fronte Lysia enrama,  
E ainda Delio n'alma Lyra acclama  
„ As Armas, e os Varoens assignalados. „

Tu, Mascarenhas, d'Outro vens, que a Historia  
N'alta Diu celebra, e que á porfia  
„ Teve os troféos pendentes da Victoria. „

De ti o Indico Imperio o Augusto fia;  
Saudosos te veremos hir com gloria  
„ A ver os berços, onde nasce o Dia. „

1.<sup>a</sup>, 25.<sup>a</sup>, e 27.<sup>a</sup> Oit. do Cant. 1.<sup>o</sup> das Lus.

*Per J. J. da S. G.*

## GEOGRAFIA.

*Memoria sobre a Capitania do Seará, Escrita de Ordem Superior pelo Sargento-Mór João da Silva Feijó, Naturalista Encarregado por S. A. R. das Investigações Filosoficas da mesma Capitania.*

## Introdução.

**H**E necessario ter muito pouco conhecimento do Fyzico da Capitania do Seará para duvidar das immensas vantagens, que ella pôde produzir em utilidade dos seus habitantes, augmento do seu Commercio, e prosperidade geral do Estado; assim me tem persuadido a continuada observação, que tenho feito, sobre o seu Fyzico, e Moral, por espaço de onze annos successivos, em razão do meu officio; eu passo pois a discorrer sobre este importante objecto, o mais resumido que me for possível, na presente Memoria, a que me proponho.

Para dirigir-me methodicamente nesta minha empreza, penso dever ter em vista estes tres pontos essenciaes: a Corographia do Pais; o seu Fyzico; e o seu Politico; reservando porém para hum mais extenso, e circumstanciado tratado, o particularizar cada hum delles; e eis-aqui pois o que vai a fazer o objecto de outros tantos artigos do presente discurso, dictado não com outro fim, que o de apontar huma sabida verdade, para suscitar huma efficaz emulação á emprehender-se tudo quanto for para augmento, e prosperidade desta Capitania.

## ARTIGO I.

*Da Corographia do Seará.*

## § 1. Situação Topographica.

**O**Seará he huma das extensas Capitánias do Continente do Brazil, situada ao ONO do Cabo de S. Roque, entre as Capitánias do Maranhão, Piauí, e Rio grande do Norte, ente  $29^{\circ} \frac{1}{2}$  e  $5^{\circ} \frac{1}{2}$  pouco mais ou menos de latitude meridional, e as longitudes  $336^{\circ} 50'$ , e  $344^{\circ} 50'$  pelo meridiano do Ferro.

## § 2. Limites.

Serve de limites, ao NO, huma dilatada costa de mar de 146 leguas, que decorre na direcção absoluta de ESE para ONO, desde a foz do Rio Monseró até a do Igaracú, hum dos braços da Parnaíba; pelo SO, huma extensa cordilheira, denominada a Serra grande, que nascendo junto á costa do N, onde se diz Timonha, onze leguas a E do Igaracú, se vai estendendo, em huma curva, para SE, segregando-a da Capitania do Piauí até os Cariris novos, na Serra do Araripi, com á extensão talvez de cento e cincoenta e cinco leguas; e pelo lado SE em fim as costancieiras desta Serra do Araripi, conhecidas com os nomes de Serras de Luiz Gomes, de S. José, do Camará, e de S. Sebastião, e huma dilatada Mata espessa de pouca altura denominada = Catanga de Goiás = que da Serra de Sebastião decorre até o Rio de Monseró; duas leguas pouco acima da sua foz, cuja linha limitrofe, que separa esta Capitania da do Rio grande, terá cento e dez leguas de extensão, e na direcção de ENE para OSO.

§ 3. *Extensão da superfície.*

Nesta posição pois, geometricamente considerada a sua superfície, pela comprehensão das tres linhas imaginadas, e produzidas dos tres pontos = foz do Igaracú, foz de Monserrô, e a Serra dos Cariris novos = ter-se-ha hum polygono, que reduzido trigonometricamente a leguas quadradas, dará por hum calculo de aproximação o resultado de seis para sete mil leguas de extensão.

§ 4. *Configuração do Terreno.*

Este terreno principiando baixo, e quasi alagado, em muitas partes da costa do mar, se val elevando dalli a cinco para oito leguas, como em amphitheatro, á proporção que caminha para o interior, e se afasta da mesma costa, até chegar áquelle cordilheira da Serra grande, tendo alli talvez de elevação absoluta, sobre a superfície do mar, de trezentas para quatrocentas toezas.

§ 5. *Direcção da Serra Grande.*

Persuado-me, e não sem fundamento, que esta mesma Serra, que desde a sua origem, na Timonha, até os Cariris, toma diversas denominações, como Serra da Ibiapaba, de Biapina, dos Cocos, do Cratux, e do Araripe, e continuando a decorrer até Pernambuco, vem a formar aquellas duas pontas de terra, ou cabos, que se conhecem com os nomes de S. Roque, e S. Agostinho.

§ 6. *Principaes Montanhas.*

Entre as montanhas, que povoão aquelle vasto terreno da Capitania do Ceará, são as mais recommendaveis pela sua frescura, depois da Serra gran-

de, a de Esteritê, e suas adjacentes, a de Uruburetama, e a da Moura; e entre ellas se encontram planices mais, e menos extensas, particularmente nas margens dos rios, e a que se chamão vargens; cobertas de Carnaubas, e algumas matas, mais ou menos dilatadas, entre as quaes de ordinario se notão muitas lagoas de agos doces, e com especialidade, e mais abundantes, á beira mar.

§ 7. *Sorte de Solos.*

A vista do que se pôde dizer que esta Capitania compoem-se de tres partes de solos = Beiramar, Montuozo, e Sertão, ou parte Central: e todos estes são retalhados por immensos vales ou ribeiras, e ainda que secas, constituem com tudo os seus diversos rios; digo secos, porque só levão agua corrente na estação das chuvas, entrando porém pelas suas bocas successivamente as marés até quatro ou cinco leguas acima da foz, sendo os principaes destes rios o de Monserrô, o de Jagatibe, o do Pacoti, o do Ceará, o do Coru, e o do Cammossim.

§ 8. *Encostas e Portos da Costa.*

A grande extensão da costa desta Capitania offerece muito boas, e vantajosas encostas, e barrazes de rios para commodo surgidouro de embarcações, ainda até hoje porém pouco examinadas, e sondadas, sendo entre ellas as de não pouca consequencia, a de Monserrô, do Amcati, do Iguape, do Mucuripi, e Fortaleza, a do Parazinho, a de Tapagê, Curu, e Cammossim, onde os seus bons fundos, e os ventos, que sopráo sempre no correr da Costa, afianção a segurança dos seus ancoradouros.

ARTIGO II. — *De Físico.**Do Físico.*

## § 9.

**S**EM me cansar em discorrer agora sobre o que diz respeito ás matés, e correntes das agoas naquella costa, não posso deixar de tocar sobre a sua athmosfera, meteoros, climas &c. antes de passar a nomear as suas producções naturaes.

§ 10. *De ar em geral.*

O ar he calido, e humido; porque a sua athmosfera he cheia de calorico, e de vapores aquotos; com tudo, porque estes se achão, por isso muito rarefeitos, e carregados de muita materia da luz em razão da elevação da Equinocial &c., as noites alli são claras, e o Luar encantador, particularmente no Verão, em que se observão repetidas exaltações.

§ 11. *Do Clima e Estações.*

O clima alli em geral não he dos mais contrarios á saúde, pois que constando de duas unicas estações — Estio, e Inverno, ambas são de si mesmo supportaveis pelo equilibrio da economia animal, a pezar dos effeitos que se sentem.

§ 12. *Do Verão.*

O verão he sem duvida a estação a mais longa, porque começa communmente em Junho, e termina em Dezembro, he caracterizado pela falta absoluta de chuvas, a não serem alguns pequenos aguaceros de pouco proveito; e he por isso muito

calido, e o Sol intensissimo, de maneira, que faz reduzir a pó, em poucos dias, a maior parte dos vegetaes; e seria insupportavel aos animais, a não ser a grande extensão, e frescura das noites, em que o orvalho he abundante, com particularidade nas serras, e montanhas, respirando-se então hum ar sereno, e agradável, ainda mesmo no interior dos sertoes, onde chega muita parte daquella humidade da athmosfera da beira mar, levada, para moderar este rigor geral do clima, pelos ventos, que então sopráo regulares, e rijos; sendo de notar que só apparecem estas ventanias, quando o Sol se vai aproximando a huma perpendicular, e que por isso o calor he mais intenso, quero dizer das nove horas da manhã, ás cinco da tarde.

§ 13. *Causas que moderão o seu calor.*

Não concorrem pouco tambem para moderar alli a grande intensidade do calor, e augmentar a humidade da athmosfera, as matas, de que he povoaada grande parte do paiz, particularmente á Beira mar, e Serras, cuja folhagem sempre verde, e viçosa tem a propriedade de absorver muita parte dos raios do Sol, moderando assim o seu vivo effeito.

§ 14. *Do Inverno.*

A estação chamada do Inverno, porque he quando chove, ou he o tempo das chuvas, he a menos dilatada, por quanto começando communmente em Dezembro termina em Maio ou Junho; digo communmente, porque muitas vezes se passam estes mezes, sem chover, ou geralmente por toda a terra, ou em quantidade sufficiente para a perfeita vegetação, o que occasiona então as secas, e as fomes, e até mortandade de animais de toda a especie.

§ 15. *Suas Chuvas.*

Nestes mezes comtudo, sendo bons Invernos, nem sempre chove, aparecendo dias claros, e bellos; particularmente no mez de Fevereiro he que se pôde com muita propriedade dizer que he a Primavera do Paiz, sendo porém os outros mezes mais ou menos chuvozos, sobre tudo Janeiro, Março, e Abril, em que os Rios enchem de maneira que impedem o seu transitio, arrancando, e levando em seus aluvioens grandiozas arvores, penedos pezadissimos, e quantidade de animaes, que encontrão.

§ 16. *Seu menor calor.*

Nesta estação pois do Inverno, he o calor menos activo, talvez porque está o Sol então mais obliquo, e quasi sempre entre nuvens, e o ar mais humido; porém como então faltão as ventanias do estio, por serem os ventos outros, e poios, succede que ás vezes está tudo em calmaria, e sem a menor bafagem, sendo por isso o calor mais incommodo do que no verão.

§ 17. *Humidade da athmosfera, e seus effeitos.*

A grande humidade, de que a athmosfera está cheia, procede não menos do calor, que occasiona huma continuada evaporação, o que deverá fazer mudanças notaveis na economia organica, de que procedem certos males consideraveis, particularmente nas plantas, cuja vegetação, naquelle clima, he fraca, e debil, que por isso quando as chuvas são muitas ficão de ordinario como tostadas &c., e como succede nas superficies dos metaes, com especialidade do ferro, e do aço, que de continuo se enferrujão aprezar de todas as precauçoens. Daqui vem a differença, que ali se observa no decurso

do anno, por exemplo á beira mar, no thermometro de Reaumur; sendo esta differença comtunmente em Setembro e Outubro, de 3 para 4°, visto que sobe de 27, para 28° quando o calor he mais forte, descendo, no Inverno a 23 e 24°, o que no sertão com tudo se verifica não só relativamente ás duas estaçoens, mas ainda, em os diversos pontos do dia, excedendo ás doze horas, pela comtunm, ao termo de 28°, havendo estado pela madrugada, em 23°  $\frac{1}{2}$  com pouca differença; o que sem duvida se deve attribuir á extensão, e frescura das noites, em que se não deixa de sentir frio, a ponto de se buscar o calor das fogueiras, e muito mais sensivel nos lugares altos, e montanhosos e á margem dos Rios, com particularidade nos dous mezes de Maio e Junho.

§ 18. *Causa da differença do calor.*

Donde parece que se deve attribuir esta differença, a respeito dos grãos de calor, já á circulação livre que o ar ali tem, e já á irregularidade dos ventos que sopião, despidos daquelles principios salinos, e gazosos, que embeberão, e deixarão á beira mar, vindo por isso a produzir naquelles lugares do interior menos accidentes, e mudanças, sobre a economia animal, e vegetal, como he constante. Donde se vê que o clima do Seará hade ser em muitas partes mais temperado, e salutarifero, do que se supoem, pela sua posição geografica.

§ 19. *E das doenças do Paiz.*

Do que se acaba de expender até aqui, collige-se, que a este calor quasi sempre o mesmo, é esta excessiva humidade do ar que se respira, e á natureza particular emfim dos alimentos, de que se usa no Paiz, são devidas certamente as suas

principaes enfermidades; o que deixo de mostrar por não fazer tao diffuso.

§ 20. *Qualidade Fizica do Terreno.*

Tendo dito que em tres sortes de Solos se deve considerar o terreno da Capitania do Ceará quanto á sua superficie, isto he em Beira mar, Montanhoso, e Sertão, discorrendo agora sobre o seu Fizico, digo que he em geral hum Terreno Volcanico, composto de massas irregulares de lavas, e outras substancias terreas primitivas mais ou menos alteradas pela força do fogo, constituindo o seu amago ou nucleo universal huma rocha viva, azulada, saxosa, virescente, e durissima.

§ 21. *Sua contracção interior, e produçoes do Reino Mineral.*

Observo-se á beira mar, que disse era haixo, e quasi alagado, camadas argilozas de diversas cores, mais ou menos puras, sobrepostas em bancos de *est.*, ou pedras molares, e cobertas de ordinario de comoros de arã solta, que os ventos de continuo movem, e transportão de hums para outros lugares, com não pequeno prejuizo das embarcadoras dos Rios, onde communmente se formão bancos de arã, que impedem ás embarcaçoes o seu transitio.

§ 22.

Em outras partes se descobre este *est.* ou pedra molar, mais ou menos consolidado, até mesmo no simo da Serra grande, e algumas vezes cheia de conglutinaçoes de fragmentos de ostras petrificadas; do mesmo modo se não dispersas grandes massas de pedras, ou rocha viva, ou em pedaços ou em velumes immensos, constituindo a superfi-

cie da maior parte das montanhas isoladas, em cujos vertices se notão de ordinario antigas crateras volcanicas afuniladas, que provão terem sido produzidas de irrupçoes subterranas, encontrando-se nellas muitas sortes de lavas, basaltes, e schorls, hums vagos, e outros engastados em cristais de quartzos brancos &c.

§ 23.

Não são menos frequentes, nestas montanhas do interior do Paiz, entre as camadas das Aguilas, os vetos de Amiantos de muitas especies, terras bullares de diversas cores, a Mica, o Espato calcario, a pedra pezada, o Espato Fluor, os Christais montanos, as Amatistas, mais ou menos coradas, e apinhoadas, as granadas volcanicas, e por isso sem luzimento nem solidez.

Não são tambem raros nas abas da Serra grande os *Elites*, cheios de oxidis de todas as cores.

§ 24. *De Pedra Calcaria.*

Apezar de todas as minhas diligencias, já mais pude descobrir á beira mar vestigio algum de pedra calcaria, a não ser aquella conglutinação de ostras, sendo por isso alli precaria a cal para os edificios, com tudo para o interior na distancia de 6 a 20 leguas a encontrei em grossos bancos mui compacta, e da natureza da que chamão Pedra Porco,

§ 25. *Raras Petrificaçoes.*

Nota-se na Serra dos Cariris, onde se diz Milagres, oitenta leguas, para mais, longe do mar, e naquella elevação, as mais raras, e curiosas petrificaçoes vagas de peixes, e de muitos generos de amphibios, e alguns de grandeza de quatro

pálmos, incluídos como em huma especie de Estites, de sustancia calcaria, em cujo amago se observa o animal totalmente perfeito, e reduzido interiormen- te a huma cristalização *spotsza*.

§ 26. *Ossada fossil.*

Não he menos para notar-se a grande quanti- dade de ossada fossil de grandioso tamanho, como vertebras, costelas, fêmures, que se encontrão perto daquella Serra, para onde se diz *Cronó*, em huma lagra denominada da Catharina. Que exemplos pois para suas provas não desfuzirão des- tes objectos os Sectarios do celebre Systema de Buffon; não menos para aquelles Naturalistas, que se persuadem que se não podem petrificar as sus- tancias moles, ou carnosas dos animaes?

§ 27. *Terra Vegetal.*

Por ultimo todo o terreno em geral he coberto mais ou menos de huma coêda de terra vegetal, zinda mesmo á beira mar, donde provém a actual fecundidade daquelles terrenos arentos, á primeira vista aridos, e secos; e á proporção que se cami- nha para o interior do Sertão, observa-se nas esca- vaçoens dos Rios que esta camada de terra vegetal se augmenta em espessura, e cor preta; a qual não pôde deixar de ser devida á dissolução conti- nuada da immensidade de fothagens, e das mesmas arvores, que pelos ventos, ou velhice, tem cahido, e apodrecido, visto que se não pôde duvidar que huma tão grande quantidade ha tantos Seculos ac- cumulada não possa produzir huma mais grossa camada.

§ 28. *Minas de Ouro.*

Nestas mesmas montanhas não são pouco com- uns vestigios de Ouro, pois que se encontra em algumas cimbetas de *taoá*, e Vieiros de Cristal, assim como solto, em particulas mais, ou menos subteis, pelos riachos, misturado com o Esmeril, e entre cascalho, e alguma vezes em folhetas de mais de 18.<sup>a</sup> de pezo, sendo o mais superior, em qua- lidade, o do lugar do Juré, perto da Villa de So- bral, e o das antigas lavras da Mangabeira, no Districto da Villa do Icó, e o mais ordinario, pela côr desmaiala, o que se encontra no sitio denominado Curumatan; a falta porém de aguas coherentes, he o maior dos obstaculos ao seu apro- veitamento, quando este fosse permitido.

§ 29. *Minas de Ferro.*

O Ferro geralmente se encontra por infinitas partes da Capitania, e em muito ricas minas, as- sim como em lugares accomodados para o trabalho da sua extracção.

§ 30. *Minas de Cobre.*

Na Serra grande da Ibiapava, na ladeira que se diz Acape, ha humas antigas escavaçoens, don- de se extrahia huma mina, que alli ha de Cobre, na persuasão de ser Prata, cujo trabalho decahio depois de conhecido o engano, e talvez por se ha- verem consumido dinheiros sem proyeito; como he constante entre aquelles habitantes. Esta mina de Cobre se encontra em estado de *sulfate*, em veie- ros, em huma pedra cinzenta, virescível, e trija, cujo banco decorre para o SE, até onde se cha- ma Ubajara; e alli entranhando-se pela Serra, vai apparecer seis leguas ao O da Villa Nova de ElRei,

no lugar, que se chama *Carcandas*; já pertencente a Piauí, donde os habitantes extrahem este metal, de que se servem para obras de arreios; há persuasão de ser prata: esta mina merece particular attenção pela sua qualidade, e importância do metal, tanto mais porque com effeito me persuado conter também a matriz alguma porção de Prata.

§ 31. *Minas de Plumbagina.*

Da mesma sorte parece digna de se aproveitar outra Mina de *Plumbagina*, que, além de outras deste semi-metal, se encontra nas abas das Serras dos Cocos, onde se diz Descida da Mina, a qual he alli havida pelos habitantes por Mina de chumbo.

§ 32. *Nitreiras naturaes.*

Não são menos consideraveis as multiplicadas, e abundantes Nitreiras naturaes, que tem aquella Capitania, e tanto maiores, quanto se caminha para o Piauy: da mesma sorte se encontrão outras de Pedra Humi, sendo a mais rica dellas, a do lugar do Taoha, Districto da Villa Nova do Principe; porém distante da Capitania mais de oitenta leguas.

§ 33. *Salinas.*

Finalmente offerece a provida Natureza, por toda a extensão daquella costa, multiplicadas, e ricas Salinas naturaes, de que se não tira mais sal, que a porção, que se consome no Paiz.

§ 34. *Produçõens vegetaes.*

O terreno da Beira mar, que eu disse ser baixo, e alagado em muitas partes, he cortado de vallas, a que chamão Camboas, povoadas de Man-

gues, que se cobrem, e descobrem successivamente, pelo fluxo, e refluxo do Mar; em muitas partes se notão matas, e em outras não ha humta só arvore, não se observando mais do que escavados comoros de areias soltas, e em outros lugares em fim alagadiços muito cobertos de verdura.

§ 35. *Das Matas.*

Desde estas terras baixas, caminhando para o interior, se observa o terreno geralmente coberto de infinitos vegetaes, que servem de sustentar a milhares de animaes de toda a especie; estas plantas offercem individuos infinitamente differentes entre si, e alguns tão novos, como exquisites, e particulares. Do mesmo modo se descobrem as montanhas geralmente cobertas de matas, mais ou menos elevadas. Nota-se muitas vezes operar-se a vegetação nestes individuos, sem sensivel interrupção, pela uniformidade do clima, e temperança do paiz, por quasi todo o anno; sem embargo do que as grandes seccas do Verão não deixão de diminuir, de alguma sorte, esta força de vegetação, com particularidade nas plantas herbaceas, que quasi todas perecem, não havendo a precaução de as regar, o que com tudo não succede ás arvores, ainda que nesta estação muitas dellas cheguem a perder de todo as suas folhas; mas ás primeiras chuvas do Inverno toda a Natureza se reanima, e toma hum novo vigor, cobrindo-se tudo de verdura até os lugares mais aridos.

§ 36.

Supposto que pareça esta vegetação mui activa, logo no começo do Inverno, com tudo estou certo que não he tão vigorosa, como na Europa, pois que sendo ella aqui quasi continuada, geralmente por todo o anno, deve ser mais fraca do que quan-

do he periodica, e por isso as plantas devem estar em hum estado de frouxidão, e fraqueza.

§ 37. *Fructificação das arvores e arbustes.*

Todas as arvores de ordinario fructificão huma só vez por anno, á excepção de algumas exóticas cultivadas, como as de Espinho, a Parreira, a Figueira, a Romanzeira &c., cujas tres ultimas especies prosperão como na Europa: as videiras sobre tudo, sendo bem podadas, dão uvas duas, e tres vezes por anno, mas estas nunca chegam a huma perfeita madureza; a figueira, que he de facil cultura, dá figos indistintamente todo o anno, mas a discursiosidade faz que todas estas plantas sejam alli raras: he provavel que tambem alli vegetem, e prosperem muitos dos outros arbustos da Europa, como a pera, o pessego, o marmelo, &c. assim como tenho visto prosperar algumas amoreiras.

§ 38. *Das Ortiças.*

Não vem menos boa toda a sorte de hortaliça da Europa, até a mesma Batata Inglesa, o Aipo, o Celiri, a Pimpinela, a Senoura, &c. tudo em fim alli se cria também, como em Portugal, a excepção das cebolas, que são pequenas.

§ 39. *Produções das Plantas Indianas.*

As arvores e plantas fructíferas da Índia prosperão alli como se fosse aquelle o seu Paiz; taes são as Mangueiras, as Jaqueiras, o Caffé, a Caneleira, o Gingibre &c.

§ 40. *Arvores particulares.*

Nas matas se encontrão excellentes arvores, como Cedros, Angicos, Arcoiris, Paos de arco, Rabuges, Pequês, Jucás, Gitahis, Massarandubas, &c. importantissimas pela qualidade das suas madeiras e cores; não só para a construcção, mas para todas as obras de Marcenaria, e Tinturaria, e para outras artes, ou seja no aproveitamento de suas madeiras, ou de suas feculas corantes, ou finalmente suas gomas, rezinas, oleos &c.

§ 41. *Não são interessantes para construcção naval.*

As melhores e mais corpulentas madeiras, e por isso aptas para a construcção naval, são para isso inúteis pela grande distancia, em que se achão as melhores, longe dos Portos de mar, e a difficuldade de seus transportes; contudo o Violete, o Gançalo Alves, a Rabuge, e outros simillantes deisar-se-hião aproveitar para o Commercio, subministrando-lhe lucrativo lastro para as embarcações nacionais, que navegação para Europa carregadas de algodão, pois que por falta disso são obrigados a comprar para seus lastros o ferro em Inglaterra, e desta sorte aproveitar-se-hia immensa quantidade desses madeiros, que o fogo dos abusivos roçados annualmente consome, e de outras que se desperdição.

§ 42. *Presumo de outras vegetais. E de suas produções.*

Além destas Madeiras, não são menos importantes outras produções vegetais, que tem o Paiz, e que podem ajudar a contribuir outros ramos de Commercio proveitozo, e de que até hoje de certo se não tem tirado partido algum, taes são muitas

substancias gomozas, rezinas e oleos, &c., que diffuem das arvores; e se perdem por aquellas dilatadas matas, e sertoes; muitas raizes, e cascas vegetaes utillissimas humas á Medicina, como a Soldanella, o Mechocacan, a Purga de quatro patacas, o Vellame, a Hipocacuanha branca, o Barbatimão, a Quina quina do Paiz, a importante spigelia ou lombriqueira; outras para a Tinturaria, como seja o Marmeleiro branco, o Jatshi, a bem conhecida Tatajiba para o amarelo; o Pau branco, o Pau Perseiro para o vermelho, o Pau Ferro, e o Jucá para o preto, em lugar do Campeche &c.; outras para filações, como sejam as diversos carootas, muitas plantas das familias das malvaceas, e palmeiras, e embiratenha &c., sem comtudo esquecer-me da grande quantidade de Potação, e Barrilha, que se póe ali preparar, e obter pela simples combustão de muitos vegetaes superfluos, e de mangoes de todas as especies, que alli ha. He o que finalmente me persuado ser sufficiente dizer sobre este artigo, visto que quanto aos animaes he sabido que delles não he aquella Capitania menos abundante que as outras suas vizinhas, sobre tudo no que se diz Caça, e Pesca: por tanto passo ao ultimo Artigo.

*Continuar-se-ha.*

*Exame da Resposta defensiva e analytica á Censura, que o Redactor do Patriota fez ao Drama intituloado o Juramento dos Nomes, &c.*

*Nec semper feriet quicumque minabitur arcus.  
Horat.*

SEndo as questoes litterarias de grande utilidade para o augmento dos conhecimentos, porque nelas se apura, e elucida a verdade, ellas se tornão absolutamente esteres, quando, em vez de tendrem a este fito, ostentão hum espirito de disputa, tão damnosos aos progressos da litteratura; e até vem a ser condemnaveis e puniveis, quando, dirigidas mais ao homem que ao escritor, attaçã o respeito do Publico, e faldão á decencia, que segundo *Quinctilianus* faz a parte principal da arte, e dão o spectaculo ridiculo de litteratos, que se dilacerão em lugar de instruir-se. O Sabio *Fenelon* nos deu a norma de semelhantes contestaçoes nos seus excellentes dialogos sobre a eloquencia. As suas expressoes são as seguintes. „ Evitaremos em primeiro lugar o espirito de disputa: examinaremos esta materia soceadamente, como homens que só temem o erro, e faremos consistir a nossa honra em desdizer-nos, apenas conhecermos que nos enganámos. „ Se o meu adversario respondeu desta maneira o leitor decidirá. Quanto a mim, costumado a não abusar da indulgencia do Publico, e a guardar escriptamente o decoro nos meus escriptos, seguirei quanto poder o preceito do illustre Arcebispo de Cambry, e se não conseguir a satisfação de agradar, terei o prazer de evitar o fastio.

Outro preceito, que me proponho ter em vista, he a brevidade: Questoes pela maior parte frivolas, e que apenas descobrem a azrimonia de quem

as estabeleceu, ou não merecem resposta, ou devem ser brevemente tratadas. O primeiro partido seria o melhor, se a ignorancia offendida não se prevalesse desta circumstancia, para offuscar, não a minha reputação litteraria, que nenhuma he, mas as qualidades pessoas de hum homem publico. Esta certeza me poem na penosa obrigação de dizer poucas cousas em resposta de huma Obra, que o Author julga bastar para sua gloria. Infelizmente para mim, os tristes effectos de huma perigosissima enfermidade havendo suspendido a minha pena, esta forçada demora foi hum titulo mais para augmentar a philancia daquelle Escritor, e dar azo a insulsos e repetidos sarcasmos. (1) Esta succinta resposta não tem por fim captar elogios estereis, nem tão pouco a admiração dos ignorantes. Folgarei de conseguir a indulgencia dos poucos, segundo o conselho de *Horacio*:

*Neque te ut miretur turba labores,  
Contentus paucis lectoribus. An tua demens  
Vilibus in ludis diciari carmina malis?  
Non ego. Nam satis est equitem mihi plaudere. &c.*

Começa o Author, duvidando do numero dos Redactores do Patriota. E ainda que se dirija immediatamente a hum só, causão-lhe embaraço as expressões *fixarinos*, *entraremos*, *podemos*, &c. O Poeta devia saber que he muito ordinario nos escriptores empregarem o verbo no plural, quando fallão de si; e isto he tão vulgar que na Grammatica de Moraes se acha esta construcção no artigo da

(1) Of all the causes, which conspire to blind  
Man's erring judgement, and misguide the mind,  
What the weak head with strongest bias rules,  
Is *Pride*, the never-falling vice of fools.

Pope.

Syntaxe de Regencia, e não no da figurada. O Poeta tem tanta noção dos classicos Portuguezes, que lhe faria injuria em apontar exemplos. A mesma *perturbação grammatical*, como elle diz, he frequente nos bons Autores. Lembro-me de Jacinto Freire — *Escreverei a vida . . . e ajudaremos com este pequeno brado. &c.* Viçira disse em huma carta — *a minha chegada verdadeiramente foi arriscadissima, mas já a Deus graças estavamos livres de perigos de mar.* Destes exemplos se encontram a cada passo.

Na sua affectada linguagem declara que he empuxado a sahir a terreiro. Quem o empuxa? (1) Podia eu acaso ser mais comedido, ou mais indulgente? Pensa o Poeta que em menos de duas paginas caberiam todos os seus defectos? Obrigado a dar huma idéa da Obra em questão, que exposição mais vantajosa podia elle esperar? Não esperarei o tempo, considerando as empoladas expressões — *as imperitias circumstancias, da minha escasso gloria* nemhumamente abalada pelo teu respos critico, &c. (2).

*Quid dignum tanta feret hic promissor hiatus?  
Parturiant montes, nascetur ridiculus mus.*

Encontro logo huma falidade; cousa bem ordinaria nesta Obra. O Poeta afirma que eu disse ser inutil o trabalho, que tomou na composição do seu Drama. Lea-se o segundo paragrafo da minha censura, e ver-se-ha que *este trabalho* não pô-

(1) At ev'ry trifle scorn to take offense,  
That always shews great pride, or little sense.  
Pop. Ess. on Crit.

(2) Aqui me parece que se pôde bem applicar aquelle verso de Boileau.

*Et ces riens infirmis en de grandes paroles.*

de referir-se senão a fixarmos a nossa attenção no seu desempenho, e nenhommamente aproveitemos este novo adverbio á composição do Drama, a qual não posso chamar trabalho inútil, porque ignoro quaes fossem os seus fins, e quaes as suas vantagens. Não notarei o adjectivo Dramatical: he mais huma licença — *Pictoribus atque Poetis &c.*

Aperta-me o Poeta para que lhe explique o que entendo por Poema Dramatico e Lyrico, de nominação, que tanto escandalisou os seus ouvidos. Nunca me pareceu que algum compozesse, e *omnibus nervis* disputasse a immortalidade, em hum genero, que não conhece. Se eu tivesse abundancia de livros para cita-los sobre cousas muito sabidas, encheria agora muitas paginas; porém contento-me com hum só. Este he a *Encyclopædia Methodica*, na excellente parte da Literatura, conhecida e respeitada pelos eruditos, e illustrada com os nomes de Sábios consumados. Leio o artigo *Poeme lyrique*. Tomo a liberdade de traduzir as passagens, que me parecem mais accommodadas, pela honra que o Poeta faz ás minhas traducçoens do Francez. „ Os Italianos (começa o artigo) tem chamado ao Poema Lyrico, ou espectáculo em Musica, *Opera*, e este termo foi adoptado em Francez. „ Neste artigo se tem magistralmente tratados os dois momentos bem distintos do *drama lyrico*, a saber, o momento tranquillo e o momento apaixonado; situaçoens, que produzem o recitativo e a aria. E eu estou persuadido que alli se aprende como e quando tem lugar as arias, que de ordinario se senão ao acaso; admira-se os milagres de *Metastasio*; e á luz deste brilhante rastro se vê a criação (para assim dizer) do *Poema lyrico*; estudou-se as importantes regras de evitar discursos extensos e ociosos, e a necessidade de imitar a Homero no *Semper ad eventum festinat*; e finalmente concorda-se com M. Grimm (author deste precioso artigo) que o *Poema*

*lyrico* deve ser huma cadeia de situaçoens interessantes, tiradas do fundo do assumpto, e terminadas por huma catastrophe memoravel. Lembrarei de passo que o estilo de semelhante Poema deve ser energico, natural e facil; com graça, mas fugindo da elegancia estudada.

Leio depois o artigo *Lyrique*, que he de M. Marmontel, a quem o Poeta concederá algum reconhecimento na materia. Os modernos (diz elle) tem outra especie de *poema lyrico*, que os antigos não tinham, e que merece melhor este nome, porque realmente he cantado; he o Drama chamado *Opera*. „ No artigo *Opera* do mesmo Author se acha igualmente explicada esta especie de Drama. E o Author se refere á sua Poetica Franceza accor das qualidades deste Poema.

Envergonho-me de ler, a pagina 8, o que o Poeta diz de J. J. Rousseau! Ignora acaso que este Filosofo escreveu alguns Dramas deste genero? Quem não conhece o  *Devin du Village*, que tanta celebridade lhe deu? Se o Poeta não leu estas peças, muito menos mostra ter lido o que este grande homem escreveu sobre os theatros: o a prova he o asseverar (que affôrta!) que o seu parecer vem muito pouco ad rem. He bem notavel que homens de estado critério não ossem decidir a contenda entre d'Alembert e Rousseau, respeitando dois tão sabios antagonistas, e que o Poeta de huma pennada decida que o Filosofo de Genebra sustentou paradoxos! Citarei com muito prazer huma Obra bem conhecida, e a qual ainda recorrerrei outra vez: fallo do clogio de d'Alembert, escrito pelo Senhor Stockler, meu muito prezado Mestre, que sem duvida faz justiça ao Sábio em questão. Sómente direi (são expressoens do Senhor Stockler) que Rousseau arrebatou-me, mas que d'Alembert convence-me; e que quanto a mim o Filosofo, que possuiu o talento da Poesia, combinando os

escritos de hum e outro, poderá delles deduzir as verdadeiras regras de hum theatro capaz no mesmo tempo de interessar os homens, e de corrigir os seus defeitos; de hum theatro, que seja juntamente o lugar de recreio e a escola da moral. „

He pois deste grande homem que o Poeta devia o juizo! E com razão; pois que elle sabe quão pouco lhe será favoravel! O leitor porém exi- girá de mim que desenvolva idéas apenas esboçadas na Censura, e en aproveito esta occasião de mos- trar a minha admiração aos sentimenos de J. J. Rousseau em materias de gosto.

„ A opera (diz este Sabio) he hum espectaculo *dramatico e lyrico*, no qual se procura reunir todos os encantos das bellas artes na representação de huma acção apaixonada, para excitar, com o soccorro de sensações agradaveis, o interesse e a illusão. „

„ A intervenção da Musica (continúa elle) como parte essencial, deve dar ao *Poema lyrico* humi caracter differente do da Tragedia e da Comedia, e fazer huma *terceira especie de drama*, que tem suas regras particulares. „

Leia o Poeta o que diz aquelle Filosofo da harmonia da Musica com a Poesia; leia a historia deste novo genero de composições; e talvez isto baste para não tornar a avançar que a *authoridade de Rousseau vem pouco ad rem*.

Ommitto a passagem, que não agradao ao Poeta, e demoro-me no seguinte paragrapho, que começa desta maneira. — „ A energia de todos os sentimentos, a violencia de todas as paixões, são o objecto principal do *drama lyrico*; e a illusão, que constitue o seu encanto, he sempre destruida logo que o author e o actor deixão por hum momento o espectador entregue a si mesmo. Taes são os principios sobre que se estabeleceu a Opera moderna. Apostolo-Zeno, o Cornelle da Italia, e

seu terno discipulo, que he o Racine da mesma; abrirão e aperfeiçoarão esta nova carreira. „

Para não ser fastidioso ommitto os defeitos deste genero de composição. O Poeta ganharia maior odio ao Filosofo. Mas vem *ad rem* o que diz sobre a unidade do lugar, e por ultima vez copiarei as suas expressões.

„ Eu não quero transportar á Opera essa rigorosa unidade de lugar, que se exige na Tragedia, e á qual só he possível sujeitar-se á custa da acção, de maneira que o Poeta he exacto a certo respeito, para ser absurdo a outros mil. Demais isto fora perder a vantagem das mudanças de Scenas, que se fazem valer mutuamente; seria expor-se a huma viciosa uniformidade, a opposições mal combinadas entre a scena sempre constante e as situações mudaveis; seria estragar o effeito da musica pelo da decoração, e reciprocamente, como fazer ouvir symphonias voluptuosas entre rochedos, ou arias galantes nos palacios dos Reis. „

Veja agora o Poeta se ha Drama, que não he Comedia nem Tragedia; se existem *Poemas dramaticos e lyricos*, com regras distintas; por isso que tendem a hum fim diverso, e aprenda a não confiar que tudo sabe, e que os mais tudo ignorão. Talvez que o seu Poema não mereça a honra de ser contado apar dos de Zeno, Mestastacio, Quinault, &c. Mas neste caso devia antes o Poeta agradecer-me este obsequio do que culpar-me de rigoroso.

Isto basta para responder aos paragraphos seguintes. Quem ignorava os preceitos deste genero de composições, como as podia analysar?

O Poeta ostenta huma erudição vulgar aos novatos em Poetica sobre as tres unidades, que elle pretende faltar em peas de Voltaire e Molière, que eu apontei. Ora já vimos que a unidade de lugar deve ser muito ampliada em similhança dra-

mas, e quanto ás outras duas, parece que não merecerão a attenção do Poeta. Faz admirar o critério, com que elle analysa tão preciosas composições, e eu penso que seria injuriar tão grandes Mestres refutar o Poeta.

O Author do Juramento dos Numes decide *ex cathedra*, com aquelle conhecimento de causa que costuma, que Molière e Voltaire são os dois mais distintos Poetas Dramaticos, que tem existido, *hum de baixo secco, outro de alto colturno*. Para sentenciar esta causa, he necessario hum Juiz bem superior em conhecimentos. Lisonjêem-se porém com o voto do Poeta; e por toda a razão lhes baste o *Magister dixit*. O Poeta pergunta emphaticamente — *Não parecem estas peças os sonhos de hum enfermo?* Respondo afoitamente — Não. *Será acaso que estes grandes Mestres ignorassem os preceitos?* — Menos. *É porque as não cumprirão?* — Cumprirão: e elles agradecem muito a frivola resposta, que o Poeta poem na sua bocca. Só este litterato entende como *peças monstruosas são alias bellas*.

Além deste novo genero de Poema Dramatico, bastava que houvesse a Comedia e a Tragedia, e cada huma destas recobesse differentes estilos para ser verdade o que disse na Censura. Horacio o diz expressamente.

*Interdum tamen, et vocem Comedia tollit,  
Iratus que Chremes tumido diligit ore;  
Et Tragicus plerumque dolet sermone pedestri, &c.*

Se quisermos ainda parar na Comedia, allí mesmo veremos diversidade de estilos correspondendo á variedade das pessoas. He ainda Horacio que falla

*Intererit multum Davus ne loquatur an herus, &c.*

Torno a remetter aos Poetas o examo do seu

estilo levantado. Não sei eu o que entende pôr este termo. Pôde ser que seja o estilo sublime, ou, como fallão os Rhetoricos Francezes, magnifico, que Gibert define *aquelle que tenta todas as riquezas, toda a pompa, toda a força, todos os ornatos da Eloquencia*; e neste caso he bem facil o exame. Em quanto os Poetas apurão seus engenhos, agradeço a sinceridade do *vulgus profanum*. Jámais me inquietei Poeta, e o Author o conheceria muito bem pela advertencia a huma das minhas Obras, que estão sujeitas á sua rijida censura. Devo de passo dizer-lhe *Nimium ne crede colori*. Lembre-se do que diz Boileau acerca de certo entronhado Poeta, *qui pour rimer des mots pense faire des vers*. (1) Veja que ainda mesmo não basta fazer versos. Horacio não ousava contar-se n'aquelle numero, o devem fazer tremer as suas expressões —

*Primum ego me illorum dederim, quibus esse Poetas  
Excipiam numero. Neque enim concludere verum  
Dixerit esse satis; neque, siquis veritatis, nisi nos,  
Sermoni propriam, putes hunc esse Poetam.  
Ingenium cui sit, cui mens divinius, atque et  
Blagna sanaturum, des nominis hujus honorem.*

Se o Author desempenha estas condições, seja embora Poeta. Quanto a mim, sem disputar a gloria deste nome, aproveitar-me-hei dos versos de Virgilio

(1) Huma vez que citei este excellente Critico, repetirei ao Poeta tres versos da Sua Arte Poetica, que muito bem ajustão neste caso —

*Ne vous enyvrez point des eloges flatteurs,  
Qu'un amai quelquefois de vains admirateurs  
Vous donne en ces reduits, prompts à crier,  
Merveille!*

*Sunt et mihi carmina: me quoque dicunt  
Patem Pastores; sed non ego credulus illis.*

Porém apesaz da authoridade do seu *Patrão da lancha*, sou inclinado a pensar que não he necessario ser Poeta para julgar do seu estilo. He bem sabido o *fungar vice culti*; e há infinitos exemplos de excellentes criticos não Poetas: Aristoteles escreveu magistralmente da Poetica: e entre os modernos Le Bossu tratou excellentemente do Poema Epico, e D'Aubignac da pratica do Theatro, e o primeiro jámais compoz hum Poema, e o segundo fez huma má Tragedia.

Bem pouco cirei sobre a imitação de Camoens. Basta reflectir na differença entre imitar e traduzir. Horacio (perdoe o Poeta, se aproveitou muitas vezes a authoridade deste grande Mestre.) o declara nos versos tão lidos, e tão pouco entendidos:

*Publica materies privati juris erit, si  
Nec circa vilem, patulumque moraleris orbem,  
Nec verbum verbo curabis reddere fidus  
Interpres.*

Se o imitador não deve ser hum fiel Traductor, como he será licito ser hum não Traductor? Para que he pois acarretar passagens, que os Commentadores tem apontado, e que só ellas encheirão hum grosso volume? Onde está na minha Censura que imitar he hum crime? Será nas palavras *non fez conhecer huma imitação, tu copia?* Qual he a expressão que indica esta supposta falta? O Poeta tem muitas vezes empregado a calumnia, em falta de boas razões, e eu devo lembrar a judiciousa reflexão do celebre *Arnaud* — *Les guerres entre les Auteurs passent pour innocentes, quand elles ne s'attachent qu'à la Critique de ce qui regarde la Littérature, La Grammaire, La Poésie, L'Eloquence, et que l'on n'y mêle point des calomnies, et d'injures personnelles.*

Entramos agora em huma questão de Traducção. Compara o Poeta a sua traducção da passagem de Virgilio com as *des quatro melhores Traductores*; e tudo versa sobre o *sunt mihi*, que elle traduz *que a meu cargo tenho*. O nosso Barreto contentou-se com dizer *tenho*, e estou bem persuadido que esta he a traducção litteral e genuina das duas palavras Latinas. O Poeta quer que o termo *mihi* seja expresso por *a meu cargo*, mas não sei se mostrará exemplo, em que o verbo *sum* signifique *ter*, sem se lhe annexar o dativo da pessoa. Portanto a unica palavra Portugueza *tenho* he bastante para equivaler ás duas Latinas *sunt mihi*, e o acressimo de ter a seu cargo não só não pertence a Virgilio, mas convém muito pouco á Poeta.

Não acha o Poeta redundancia no verso

*Hão de ser para vós, não de ser vossas!!*

E allega o verso de Virgilio

*Connubio jungam stabili, propriamque dicabo!*

Dividamo-lo em hemisticios. *Connubio jungam stabili*: Hão de ser para vós. *Propriamque dicabo*: Hão de ser vossas. Será isto traduzir, ou imitar? Este verso (como alguns outros) se repetem no mesmo Poema: no Livro 4.<sup>o</sup> a mesma Juno fallando a Venus, o applica a Dido. Se a traducção he boa, deve tambem alli convir, e dizer-se *Ha de ser para elle, ha de ser sua*. Parece-me que aprendi a traduzir com o Poeta; e que tal? Confeco que, distinguindo muito bem as duas idéas, que se comprehendem no verso da *Eneida*, nenhuma differença encontro nos hemisticios do *Furamento*. Porém como isto poderia nascer de estar eu pouco versado em distincções deste genero, o Poeta me dá huma importantissima lição, dizendo que nas palavras — *hão de ser vossas* — se comprehende a promessa de que as Ninfas hão de amar os Cyclopes. Descoberta singular! Explicação genuina! Sem o Author, eu a ignoraria sempre, porque *Dusse*

sum non *Edipus*. Mas admitindo esta glosa, em bons trabalhos se metta *Venus*! E quanto era eficaz o seu exemplo! O Poeta diz que esta promessa está implicita no ultimo verso.

Tanto prometto e cumprirei bom grado.

contudo por mais que estude a falla de *Venus*, vejo só a promessa da posteridade das estrellas para assultar o solio magestoso ao Rei dos astros, e cansado de lutar com a intelligencia de tão elevadas expressões, repito os versos do maior Mestre de baixa socca:

*Ce n'est que jeux de mots, qu' affectation pure & Et ce n' est pas ainsi que parle la Nature.*

Aqui notaria eu que Virgilio de quatorze Ninfas só dava huma a Eolo, e por isso tinha lugar o seu bello verso, mas o Poeta mais liberal, separando huma para Brontes, deixa 12 ou só para os dois Chefes (que farta!), ou para todos os outros Cyclopes, e ficão 13 para 09; e o Poeta não fará a divisão facilmente, por mais que tenha estudado a arithmetica. Como qualquer dos casos dá entrada à polygamia, não sei como o Poeta arranjára o *Connubis jungam stabili, propriamque dicabit*.

Sou chegado á passagem, em que o Author assosha de huma maneira triunfante a minha ignorancia; e munido de dictionarios e cartapacios, publica que estou de mãos atadas. Eu disse que a ethymologia *βροντα* indica que o singular he Bronte. De todos os termos, que deduzimos do Grego, hum só não ha que acrescentasse huma consoante á original; pelo contrario muitos a perdem, vindo a terminar em vogal: por exemplo, perdem o diologo, filosofo, analyse, periphrase, Poeta, Propheta &c.; e n. metro, cerebra, diametro, &c. p

e outras muitas, que não expendo por brevidade. Dos nomes proprios he verdade que muitos conservão o final, mas não se mostra hum que o ajunte á raiz. He certissimo que a raiz daquelle termo he a mencionada na Censura. Logo (segundo a ethymologia) o seu singular he Bronte. Eis-aqui a que se reduz o meu reparo, e nada mais. Garção era hum grande litterato; Gonzaça nada tinha de ignorante; e pensarão como eu. D'onde logo o riso! Isto se reduz a hum problema, que he resolvido differentemente por Authores. Denais, a Philosophia das linguas exigindo que o plural seja distincto do singular, e a ethymologia favorecendo esta distincção, nada parece mais arrazoado do que tomar para o singular a raiz Bronte, e deixar o plural Brontes.

A passagem de Barreto, traduzindo Virgilio, parece a mais terminante a favor do Poeta. Porém, se attentarmos seriamente, não se poderá entender, ao menos plausivelmente, que o termo Brontes, assim no Original, como na Traducção, está no plural? Sabemos pelo mesmo Virgilio que erão muitos os Cyclopes — *Vatis regna Cyclopum*; e diligentemente assigna cem no L. III. Æn.

*Centum alii curva hæc habitant ad litora vulgo Infandi Cyclopes, et alii montibus errant.*

E não pôde ser que destes o Chefe fosse Pyracmon, e os officios se dividissem em fabricantes de raios *Stereos*, e forjadores de trovões *Brontes*? Que cousa se opporá a esta lição? Os commentadores? Somos logo escravos da autoridade? Se Pyracmon (que se compoem de bigorna e fogo) se conserva com a mesma desinença, e no mesmo numero, por que para se designar hum só homem se poem no plural a origem Bronte, ou Sterope? Eu hum sei que o Poeta he pouco afficçao da sciencia

mas de razão, e que he mais barato citar Autores que imita-los: mas eu faço mais caso de hum periodo do Filosofo *Dunorvais* do que do voto de todos os Grammaticos antigos. Fique pois o Author persuadido, que não he segundo os Scholastes que eu arrisco esta opinião, mas por seria reflexão, e *non ut Pythius Appollo, . . . sed ut humanulus prænobilis conjecturâ sequens.*

Muitos argumentos de probabilidade se poderião produzir a favor da minha opinião: todavia penso que basta o que tenho dito para se ver que o Poeta se espraçou de balde, e que lhe quadra bem o sentimento de *Despreaux*.

*Tout ce qu' on dit de trop est fade et rebutant.*

Ommito a feliz lembrança dos *livros começados*: não entendo a *vergonha porque passou* (se com effeito lhe tocou alguma), e nenhuma parte quero tomar nas queixas, que fôrma da architectura e pintura. Ouvi que o Poeta devia muito a esta ultima, e demais a dependencia destas duas artes he o caracter do *Drama Lyrico*.

Se o Poeta estranha que eu deixasse intacto quasi todo o seu *Drama*, limitando a minha *desgraçada critica* aos pequenos reparos que fiz; não devia antes conhecer o espirito de moderação, que regia a minha pena? Como se persuadio elle que eu não teria motivo para huma grande Censura, se eu não quizesse antes animar do que descoroçar os Escriptores? Se o Poeta fosse animado de igual espirito, não hira revolver as cinzas de hum sabio Ministro, para cavar a sua raiva. Se o Redactor do Patriota não fez justiga ao seu supposto merecimento, que tem com isto o amigo agradecido do Mecenas moderno? E que miseraveis reparos! Eu não responderia huma só palavra, se não fosse obrigado a relevar hum engano do Poeta. A pag. 15

me chamou *Vulgus profanum*, e agora affirmo que *professe a Poesia*. Agradeço, e engelho á graça. He outra a minha profusão, outro o meu empeco. Nem basta para adquirir aquelle nome o fazer versos *Quiltes vel ego vel Claviana*. Se a minha pena copia algumas vezes sentimentos do coração, não he o amor da gloria, não he o interesse do ganho que a rege. A satisfação, que me resulta de fazer o meu dever, he muito superior aos louros, ou ao ouro, que os outros ambicionão . . .

O Lector imparcial, lendo as primeiras linhas desta segunda parte do Poeta, me permitiria dar por toda a resposta

*Aimez donc la Raison. Que toujours vos écrits  
Empruntent d' elle seule, et leur lustre, et leur prix.*

Porém, como este Periodico chegará ás mãos de muitos, que condemnão a minha empecza, e acharião mais acertado perder inutilmente o tempo em irrelevantes elogios, e que de bom grado dirião

*Quanto rectius hoc quam tristi ledere cersu  
Pantolabum scurrarum, Nunciantumque nepotem,  
Cum sibi quisque timet, quamquam est intactus et editi,*

fazer algumas brevisimas reflexoens, para augmentar a gloria do seu triumpho (1).

(1) Nenhuma Obra parecia mais sobranceira á critica do Poeta do que o Epicedio. Feito em poucas horas para desalogo da minha dor, e testemunho da minha gratidão, elle me foi pedido por dois Sabios da mais solida reputação, que o fizeram imprimir á sua custa. Os Redactores do Investigador se apressarão a copia-lo no seu excellente Periodico, e o honrarão com a sua approvação, e elogios ao Author. Em Lisboa apenas appareceu o pri-

A palavra Epicedio quer dizer canto funebre feito á morte de alguém. Logo Epicedio á morte he redundancia. Se eu fizesse huma Ode, como Horacio a 22.<sup>a</sup> do L. I. deveria acrescentar á morte; mas o termo epicedio expressa estas duas, assim como não seria necessario dizer Epithalamio ao Casamento, Genethliaco ao nascimento, &c.

A nota á 1.<sup>a</sup> Estrophe tem por fim mostrar os grandes conhecimentos do Poeta em Optica. Com effeito sabe que a luz he fluida; e que o bico pontegudo embaraça a guia de libar... Que subtileza!

Boreas determina direcção e não intensidade do vento. Cansou-se o Poeta em accarretar passagens, em que se dá a Boreas o effeito de furioso; em quantos o acharia brando? Lembra-me Virgilio:

*Ecce autem Boreas angusta a sede Pelori  
Missus adest: vivo prateruoker sitia saxo  
Pantagie...* L. 3.

*Hic tantum Boreas curamus frigera...* Ecl. 7

*Spirante Boreâ...* Georg. 2

e penso que a ultima expressão dista pouco de ba-fejar.

Muito pezar me fica de ter feito cansar a imaginação do Poeta tão esterilmente: não me succedeu outro tanto com o que não entendi do seu Drama.

Enche o Poeta as bochechas para dizer que ea não sei escrever o nome de *Bernoulli*. Isto he pro-

---

meiro Exemplar, foi logo reimpresso. A estes testemunhos publicos podia juntar louvores de eruditos de bom gosto. Mas para que? *O Juramento dos Naves* terá igual sorte? O Poeta o decidirá

41

priamente attacar-me nas minhas trincheiras. Nenhum Mathematico (ainda que *eu* em nome) deixa de saber que existio *Jacques Bernoulli*; que seu irmão e rival *João Bernoulli* foi igualmente profundo; que a sua Memoria sobre as marés foi premiada pela Academia das Sciencias de Paris, e anda impressa com o Livro dos Principios de *Newton*; e que hum sobrinho destes por nome *Nicolau Bernoulli* morreu na flor da idade, já distinto pela profundidade do seu engenho, durando porém até nossos dias o celebre *Daniel Bernoulli*, cujo nome o Poeta podia ter lido em todos os Catalogos dos Socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e até no Livro *mais comezinho* do Almanack do Lisboa.

Eu bem sei que o Poeta, contente com a gloria, que deste nome lhe resulta, renuncia á espinhosa carreira das mathematicas, e por isso lhe são absolutamente estranhas as Obras destes Sabios, e o grande numero de Memorias, com que elles enriquecerão as Sociedades Litterarias. Mas a historia das Mathematicas de Montucla, a de Bossut de mais facil accesso, o elogio de *Jacques Bernoulli* por Fontenelle, e de *João Bernoulli* por d'Alembert, são conhecidos por todos que cultivão a Litteratura. E se tudo isto lhe parece muito, eu lhe inculcarei huma obra bem conhecida, fallo do já citado elogio de d'Alembert pelo Senhor Stockler, impresso muitas vezes, e ultimamente em 1805 no 1.<sup>o</sup> Tomo das suas obras. Allí acharia o nome de *Bernoulli* escrito em quasi todas as paginas, e poderia estribar-se na sua authority. Mas em falta de todos estes conhecimentos, o Poeta recorreu a fonte limpa, abriu o Diccionario dos Homens Illustres, e por seu mal huma edição tão antiga, que nem trazia os ultimos *Bernoullis*, nem escrevia bem este nome. Applaudio-se da descoberta. — Erro! gritou logo: e sobregamente escreveu. Lamentamos sincer-

monste que os talentos do Poeta não fossem empregados no estudo de huma sciencia, na verdade arida, mas não necessaria á sua profissão.

Não he menor a extravagancia, com que o Poeta pretende que hum homem não pôde ser comparado com outro a certo ponto de vista, sem que o seja em todos os outros, quando hum Sabio critico chega a não exigir nos mesmos pontos de comparação huma perfeita correspondencia. As palavras de Boileau na 6.<sup>a</sup> Reflexão sobre Longino são as seguintes. *C'est une verité universellement reconnue, qu'il n'est point necessaire, en matiere de Poésie, que les points de la comparaison se repandent si juste les uns aux autres, qu'il suffit d'un rapport general, et qu'une trop grande exactitude sentirait son Rheteur.* „ Ora Cesar, nada julgando feito em quanto lhe restava que fazer, mostra hum genio laborioso e incansavel. O Senhor Conde de Linhares possuia estas mesmas qualidades. E não poderão compararse, sem que o segundo seja guerreiro, como o primeiro?

*Comparar hum heroe á lua, he mais que extravagante.* Ainda he mais não entender grammaticalmente o sentido dos versos, que condemna —

O Sabio,

*Que brilhava qual Phebe entre as estrellas.*

Hum Discipulo de Grammatica seria castigado, se entendesse o sentido, como o Poeta. Elle devia entender que brilhava qual brilha Phebe entre as estrellas. *He pensamento de Horacio.* Eu o accusci: *he bem improprio deste lugar:* só o Poeta o disse.

Minerva e Pallas representão as sciencias e as armas: e nem se pôde applicar a primeira a estas, nem a segunda ás sciencias: e dois vocabulos, que convém a diferentes sujeitos, não são synonymos.

Proximo a concluir este fastidioso empenho,

lembro ao Poeta que, havendo-me proposto sempre a Horacio por modelo, tremo quando leio a sua admiravel Ode a Pindaro, e longe de persuadir-me que sigo de perto hum Mestre tão insigne, contanto-me de copiar seus pensamentos. Quanto porém ao acerto da applicação, apello para Juizes mais illustrados.

Renunciando a essa gloria litteraria, de que se gaba o Poeta, que me importa que os meus versos sejam ou não harmoniosos? Quando a amizade, ou o patriotismo accende o meu estro, corre a pena ligeiramente, e quaesquer que sejam os defeitos das minhas Obras, ellas tem o merecimento de não serem votadas á lisonja, nem ao interesse. O meu guia nas minhas composições he o sentimento de Helvecio. — *Il suffit de sentir vivement pour bien escrire.*

O adjectivo bago quer dizer moreno amarelado, e creia que huma face desta cor pôde tornar-se vermelha de pejo. Mas o Poeta não perdeu esta occasião de deitar a baixo a sua livreria.

Não respondo ás frivolas investidas do Poeta, desprezo os frequentes sarcasmos, esqueço-me de quanto me toca pessoalmente, e para isto me recordo do meu Horacio

*Virtus est vitium fugere, et sapientia prima Stultitiam caruisse.*

E para pôr fim a esta contestação, agradeço ao Poeta o cuidado, a que se propoem, de olhar para as minhas obras, inclusive traduções. Entre humas e outras achará algumas em materias, que lhe são inteiramente desconhecidas, e das quaes não será competente Juiz.

## APPENDICE.

*While pensive Poets painful vigils keep,  
Sleepless themselves to give their readers sleep.*  
Pop. Dunc. L. I.

*Stulta est clementia . . . .  
 . . . . peritura partere chartæ.*  
Juvenal Sat. 1.

A Primeira vez que li o Drama em questão, em reverencia ao objecto, não quiz apontar os defeitos, de que elle abundava, e me contentei de tocar muito levemente algumas passagens, para não incorrer na nota de *Montesquieu*; porém affligido-se muito o Poeta de que a minha desgraçada critica se exercesse sobre tão leves cousas, julguei do meu dever tornar a ler a sua obra prima, e analysa-la com a maior brevidade. A primeira lembrança foi despi-la dos ornatos da Poesia, para mostrar o esqueleto tal e qual. E este conselho he de Horacio na 4.<sup>a</sup> Satira do L. I.

*. . . . Eripias si  
Tempora certa, modos que, et quod prius ordine  
verbum est  
Posterius facias, præponens ultima primus,  
Non ut si solvas &c.  
Juvencius etiam disjecti membra Poeta.*

A esta prova sem duvida o Drama não restaria; e o Poeta ficaria bem longe de namorar-se da sua Obra, como Promotheu. Mas como isto daria ao seu genio hum vasto campo de espariar-se em dicterios, quiz ser hum pouco mais mudo, e procurar as idéas entre aquella verbiagem. Permitta-me que cite outra vez Pope

*How fluent ventricle trickles from his tongue!  
How sweet the periods, neither said, nor sung!*

Eu quisera passar a Advertencia e o Prologo, e de bom grado o fizera se não visse Horacio dizendo o que nunca disse. Os pomposos versos são os seguintes.

*Onde a proficua mimica sciencia,  
S' o berço deve á portentosa Athenas, &c.*

E a nota he que ,, todos sabem que os Philosophos Athenienses dezejando tornar mais persuasivas e suaves as verdades da sua Filosofia, derão principio ás composições dramaticas, que se fazião representar em carros pelos lugares mais publicos das povoações, como Horacio se explica nos seguintes versos

*Ignatum tragicæ genus &c.*

Alguns Commentadores tenho lido, e não sei que algum entendeu que nestes versos se encontra a descoberta de serem os Philosophos Athenienses os que derão principio ás composições dramaticas, arranjando as que Thespis, e seus Compañheiros representião sobre os carros com os rostos tintos de fezes. Muito depois de organisados os theatros, e já no tempo de *Eschilo*, *Euripides*, e *Sophocles*, a Comedia antiga e a media atacavão as pessoas mais respeitaveis, a primeira pelos proprios nomes, e a segunda occultando-as, porém talvez mais innocuosas. E he bem sabido que o maior dos Philosophos Athenienses, *Socrates*, fui motejado e ludibriado pelo impudente Aristophanes na Comedia das *Nuvens*. Tão longe estava pois de serem os Philosophos os authors das Composições dramaticas; que elles erão victimas da liberdade do theatro, e isto em epoca muito mais polida que a de Thes-

pis. A Tragedia não era igualmente composição de Philosophos, e quasi se tocava com a Comedia, ao menos he este o parecer de muitos Sabios. Citarei Mr. Dapuy na Traducção de Sophocles. — *Il n'y avoit pas, chez les anciens, entre le tragique et le comique, la même différence que parmi nous. L'intervalle, qui les séparoit étoit bien moins grand; aussi ne faisoient ils pas difficulté d'introduire sur la scene tragique des personnages, qui aujour'd'hui l'avoient à nos yeux.*

Neste prologo requinta o estilo empolado do Poeta. Alli se vem os cisnes de Tejo, candidos e graciosos, espalhando castellos brilhos co' as tubas bronzeadas; (1) admira-se hum artefacto rastejando as sombras de dois pomposos; estranha-se o mundo feitchado em pequeno circulo; louva-se a Luxo scenico fargante, esgarrado á natureza, (2) imitando esforços altaneiros; respeita-se hum elo prezo á Bragançina adoba; e outros milagres da eloquencia, que assombião seguramente a quem mais de huma vez leu em Longino que não se deve por toda a parte fazer ostentação de palavras vanamente inchadas. Porque exprimir huma cousa baixa em termos grandes e magnificos he o mesmo que applicar huma grande mascara de theatro ao rosto de huma criança.

(1) Cisnes espalhando brilhos com trombetas, he allegoria nova: o artefacto que rasteja he rebaixar muito hum Actor: esgarrado á natureza não sei o que he. — *Adoba* he baixo, e Bragançina adoba he indigno. Cadeia he mais nobre, mas tambem meos vulgar, e por isso não agradeu.

(2) Lembra-me huma bella comparação do nosso Vieira. As palavras devem ser como as estrellas: o ignorante se serve dellas para governar o tempo; o Sabio tem nellas muito que aprender e estudar.

De certo Vieira não fallou destas palavras.

*Some by old words its fame have made pretence  
Ancient's in phrase, neer modern in their sense.  
Such labour'd nothings, in so strange a style  
Amaze th' unlearn'd, and make the learned smile.*  
Poep. Es. on Crit.

Passo porém ao Drama, onde, deixando o Choro, apparece Vulcano convidando os Cyclopes a trabalhar com fervor nas armaduras dos Portuguezes. Acaba de dar as ordens, quando Venus baixa dos Ceos a pedir a Vulcano o mesmo que elle havia já ordenado. Portanto esta Scena nada augmenta ao enredo. Serve apenas para Venus desabafar em queixas contra Juno, e derreter-se em finezas com Vulcano, porque lhe foi concedida a mais solida ventura na disputada gloria de goza-la; finezas tão estranhas ao bom marido, que se assombra de ouvi-las, e as engeita, dizendo á sua tão extremosa Consorte que não tenha susto (isto foi talvez para aproveitar o deposita formidosa), e deixe as ambages que de nada servem. Começa então Venus a sua narração sincera, que se reduz a que sempre protegeu os Portuguezes com o seu braço infernal; e que na presente crise, em que a França os ameaça, compete a Vulcano dar-lhes socorro; e se lhes for adversa a fortuna, que ao menos lhes conceda repellir com força avantajada os duros golpes das hostes Francezas; e logo para acabar o seu discurso como o que fez a Jupiter na Lusida, diz muito enfadada

*Acabem de huma vez, peção-se todos.  
Acabem que são meus. Isto lhes basta.*

E chora! Salta aos olhos a escrupulosa e bem acertada imitação. Igual situação! E isto dito a Vulcano? Que destreza! (1)

(1) He hum preceito infallivel conservar ás per-

Mas o Deus corô, não querendo ficar atrás, lhe annuncia que os Portuguezes lançaráõ seus inimigos além dos Pyrincus, o que Venus ignora, e lhe pergunta em bem sonoros versos que motivos mais a obrigão.

*Porém quero saber que outros motivos,  
Além desses que ha pouco me allegaste;  
Tanto te obrigão, tanto te penhorão  
A benefazer aos Lusitanos povos . . .  
Quero sabe-las pois, se acato ha outros.*

Venus para imitar o seu consorte na sublimidade do estilo, e não empregar a locução rasteira vergonhosa na boca de huma Divindade, responde

*Sem duvida são muitas e mihi graves  
As causas, que me põem da parte delles;*

as quaes se reduzem a huma só, á similhaçaõ com a *Teneca gente*, que a idade servera, nos costumes, nas leis, no idioma, no trato, nos gestos, nas feições, no garbo, e em tudo. Cada huma destas cousas exigia huma sabia Dissertação. Não sei eu mesmo se toda a erudição do Poeta bastaria para mostrar a similhaçaõ entre o trato, o gesto, as feições, o garbo, &c, dos Romanos e dos Por-

sonagens tiradas da historia ou da fabula caracteres proprios.

*Aui famam sequere &c.,  
Honoratum si forte reponis Achillem &c.*

Ora Venus não foi a mais amante do seu Consorte. Testemunha Marte entre os Deozes, e entre os homens Anchytes e outros. Parece pois que o Poeta faltou ao preceito de Horacio.

tiguezes. Em fim os grandes thesouros de antiguidade, que elle possuia, devem esgotar-se neste caso.

He celebre que Vulcano agora diz que já sabe tudo, e só não sabe porque se lhe afogueia o rosto ao cuvir illustres feitos de eterno renome! Despede grosseiramente a Venus, que mais civil lhe dá hum abraço, e promete aos Cyclopes as quatorze Ninfas, que tem a seu cargo. Seguem-se as arias, em que Brontes bate o compasso, e finda o primeiro intervallo.

Começa então hum novo enredo independente do primeiro. A scena representa *hum bosque, onde há hum arbusto*: entra a paz declamando pior que Emilia no Cinna, e queixando-se de só achar guarida nos brutos animaes, a que o Olimpo providente nega razão aguçosa. Depois de hum Soliloquio de 39 versos, responde de dentro o Coro, supponho que de Cyclopes. Contaõda por mais 13 versos a Paz: e despoja-se das suas insignias. Vem então o Genio Lusitano ao mesmo bosque, e consola a paz com a esperanza de que os Monarcas de Britania e Lysia hão de fazer levantar o seu templo sobre imigos sorridos cadaveres: adorna-a de novo das suas insignias, e convida-a a entrar no sacrosanto alcaçar do supremo heróismo, para ver

*A scintillante effigie portentosa  
Do Monarca maior, que hão visto as eras.*

A paz pergunta se he Affonso 1.<sup>o</sup>, ou 3.<sup>o</sup>, ou João 3.<sup>o</sup>, ou Manoel: a que o Genio responde que he o *Sexto João*.

O Genio de passagem conduz a paz á forja de Vulcano; e pede ao Deus que lhe mostre as armaduras dos Portuguezes; que elle diz serem feitas a *pedido de Venus*, em quanto vimos que já antes Vulcano as havia ordenado. Finalmente, acompanhado de Vulcano e dos Cyclopes, leva as arma-

duras para o templo do Heroísmo, no fim do qual apparece o Retrato de S. A. R. Allí se acha *Venus*, a quem na Scena 2.<sup>a</sup> Vulcano havia dito *sube ligeira aos Céus*, e que parecia haver subido: vê-se hum coro de graças ( que não se sabe como alli vierão ) alternando com o dos Cyclopes: estes e as Ninfas ( supponho que serião as que *Venus* prometteu (poem sobre as *armaduras Portuguezas*, cantando, so que se seguem arias, e depois o Juramento feito pelo Genio de que Portugal não seria vencido. *Pyracon* recita huma arenga, e depois de algumas cantigas, se conclue o Drama.

Eis-aqui, nem mais nem menos, o Juramento dos Numes: Debalde se procura huma acção, que tenha justa grandeza, como falla *Aristoteles*, ou principio, meio e fim; em vão se quer ver desempenhado hum só preccito deste grande Mestre; he tempo perdido fazer dos diversos retalhos huma acção; não há ligação, nem nexos; não se achão senão palavras. Não sei para que entra a paz nesta Peça: parece-me huma personagem perfeitamente protatica. A que titulo apparece *Pyracon* a complementar o Principe Regente? Tudo isto ( creio eu ) são delicadezas, que não alcança o *vulgar profanum*; transcendentes ás regras de *Aristoteles*, *Horacio*, *Boileau*, *Vida*, e outros: finalmente he hum novo caminho para a gloria. (1)

Tenho sido mais demorado do que pertendera, pela difficuldade de analysar huma peça sem unidade. Dizei muito pouco sobre a sentença e a dicção.

A falla de *Vulcano* he tirada do L. 8. de *Virgilio* —

(1) Com semelhante invenção que lugar pertenderá o Poeta? *Si paulum a summo ditcevit, vergit ad imum*. Ou em Francez. *Il n'y a point de degrez du mediocre au pire*. Sem duvida, não podendo aspirar ao *Summe*, toca-lhe o *imum*, ou o *pire*.

*Tollite cuncta, inquit, ceptas que auferre labores,  
Ætne Cyclopes, et hoc advertite mentem.  
Arma acri facienda viro: nunc viribus usus,  
Nunc manibus rapidis, omni nunc arte magistrat:  
Precipitate moras, &c.*

exceptuando as *fulgentes laminas do encovrado pouco*, e o *tremulo mortifero montante*, que são idéas do Poeta: e não brilha pouco a *polcorosa Eryanis*.

Não posso soffrer (apezar da nota) o termo *manda*.

*Vulcano*, descortinando futuros, prevê que as duas nações virão a ser huma dia. . . e sem ser obrigado de alguma paixão vehemente, faz huma *apoteopesis*, que não deixa entrever o pensamento do Poeta. Distinguem-se aqui os versos

*Não me posso esquecer da Lusa gente . . .*

*Aprontemos riquissimas arneses . . .*

*Eu inda espero, eu que falção apenas . . .*

*Que estas duas nações, que não sustentado . . .*

*Não, não me toca, a Jupiter só cabe.*

E finalmente *Vamos a trabalhar*, que o tempo vos, Verso verdadeiramente elevado!

Na Scena 2.<sup>a</sup>, tambem imitação de *Virgilio*, doe-se *Venus* de que *Juno* consentisse que seu filho fosse precipitado do Ceo, e diz que *Vulcano* se vingava bem, armando a dextra de *Jupiter*, duro *Pai turbado e opresso*. Idéa bem digna do Rei dos Deuses! Apontaria os quatro versos

Grças aos teus serviços, que me derão, &c.  
*A luctuosa rasteira he vergunhosa na boca de huma Divindade.*

He bem forte a idéa, que se contém nos seguintes versos de *Venus*:

Verás então como insofridos fervem  
Entre o granizo de fátas pelouros  
Nadando em sangue imigo, que avermelhe  
A verde relva do Vimeiro ovente.

Fervem nadando entre o granizo! Que galimathias!

*Est brevitate opus, ut curvat sententia, non se  
Impediat verbis lassas onerantibus aures.*  
Hor.

A fortuna, que ás cegas corre e para, nem he pena  
samento nobre, nem bom verso. Não são melhores

*Mereção-te requer o dom pequeno . . .  
E se ainda he muito o que hei perdido e peço . . .*

Vulkano revolve arcanos do futuro. Não sei se se  
póde fazer *arremessadas*, estando o relativo na fal-  
la de Venus alguns versos antes. Os Pyreneos *can-*  
*tonadas de aënantis nitidas*; o tropico *orvalho*  
(tendo dito o Poeta a pag. 24 *tropica chivvosa*) são  
idéas originaes, e que hão mister commentario. Pa-  
rece que quem diz *os tropicos chivvosa* suppoem  
que há ontros, e aqui temos novas idéas de Geo-  
graphia. E porque razão quadra aos tropicos este  
epitheto? A Arabia, e o Egipto, os desertos da  
Africa, o Mexico, e a California na America, a  
parte da India e da China, que ficão debaixo do  
tropico de Cancer são *chivvosa*? A Cafraria e a  
Ilha de S. Lourenço na Africa, e a parte da Amé-  
rica Meridional debaixo do tropico de Capricornio,  
são *orvalho*?

Os versos; que se seguem, são a proza máis  
baixa que se póde imaginar, e Venus começa da  
mesma maneira. O Poeta pensou que para ser clo-  
quente, basta satisfazer ao *proflit ampullas et rexi-*  
*quipedalia verba*. Que eloquentes são os Dictionarios!

Passo o Imperio do Brazil *atalaia e farol do*

*mundo inteiro*, e páro na promessa de Venus; que  
do cazamento de Diopéa (viuva de Eólo) com  
Brontes nascerão estrellas para esmaltar o Solio do  
Sol. Não sei como de hum Cyclope e huma Nin-  
fa se gerão estrellas, nem como estas esmaltao o  
Solio do Sol, ou de quem quer que seja o Rei  
dos astros. *Pictoribus atque Pictis &c.*

He magnifica a aria. *A sorte de Portugal pende  
dos braços dos Cyclopes, que os Céos defende. O  
braço nosso não póde reflectir-se senão a todos, e  
isto junto com o defende mostra que havia hum só  
braço para todos. A quadra seguinte confirma isto  
mesmo pelo verbo forjemos; e a razão desta defe-  
za he porque Venus formosa e nua nos protege.  
Não sei a que vem o epitheto nua; salvo a fazer  
nascer huma idéa indecente. O resto diz respeito  
ao compasso dos malhos, que não entendo. Gosto  
muito do verso *tatata, tatata, tatata*, e deatos se  
podem fazer infinitos. Não entendo os dois*

*Oh! que bella, que doce harmonia,  
De acertado compasso e malhos.*

*Cuidado nos golpes ( diz Brontes ) quando hum for  
beizando, deve outra rubir: que é hum golpe?*

Escandalisa ouvir a hum litterato ( pag. 20 ) que  
as Sciencias e as artes são *peste, ruina e corrupção  
dos povos* . . . Feliz de quem as ignora!

Foge o tempo, e eu callo as *meritissas som-*  
*bras da luz, o cembro do sanguineo lago, o cur-*  
*tir as tormentas fadigasas, o Deus que espanta as*  
*trevas, e outras muitas. Varão que até dormindo  
estuda e vela, quer dizer varão que até dormindo  
não dorme. Não sei se he bem sustentada a alle-*  
*gonia*

*Templo do heroismo,  
D'as arcadas multiplices escora  
Sobre os robustos bem formados hombros*  
m li

*Das prestantes virtudes, que encaminhão  
O baixel dos mortaes no mar do mundo.*

Para terminar estas duvidas, salto o excellento verso

*Se dás que te acompanhe, vou contigo :*

e rio com a falla de Vulcano aos companheiros

*Amigos, presto  
Tirai, trazei as armas, que fizemos :  
Famos, mas de vagar.*

Tenho concluido a tarefa, em que a meu pezar fui empenhado. Procurei quanto pude a moderação nos meus argumentos, e ainda mesmo quando tinha de repellir ataques indecentes. Todavia, se o Leitor se houver nauseado de tão impertinentes disputas, condemne embora a quem me provocou, e obrigue a imitar o procedimento de Horacio.

*Sed hic stylus aut potest ultra  
Quemquam animantem, et me veluti custodiet ensis  
Pagina tectis. Quem cur distringere coner  
Tulus ab infestis latronibus ? O pater et rex,  
Jupiter, ut pereat possum rubigine telum.  
Nec quisquam noceat cupido mihi pacis ! at ille  
Qui me commorrit (mellius non tangere clamo)  
Fidit, et insignis tota cantabitur urbe.*

L. 2. Sat. 1.

POLITICA.

*Discurso do Redactor.*

**D**este o principio da nossa empreza, nos esmerámos em animar as esperanças dos leitores, assim pela face, que a Europa hia tomar, como por ver dilatar-se diariamente o horizonte da sua prosperidade. No N.º 1.º annunciámos proximo o termo das violentas usurpações da França, e a aurora da liberdade politica das outras nações. No 5.º nos felicitámos do desempenho de huma parte daquella predicção; e a nossa penna tem corrido ligeira para traçar quadros lisonjeiros de successivas felicidades. Encarando a nosso pezar as rapinas, as traições, os crimes mais atrozes reunidos no refaisado peito do Despota da França, observando como esta aguia descia das nuvens da sua soberba para empolgar os innocentes, que no scio da paz, e á sombra dos tratados mais sagrados, dormião tranquilos, não deixavamos de prever a curta duração daquella terrivel alluvião, e marcavamos de antemão o seu periodo. A ambição, que havia elevado á gloria o Conquistador, o precipitou na sua vergonha: e os passos, que dera para a titania universal, foi obrigado a retrogradar para propria segurança.

Tal foi com effeito o resultado da campanha da Russia, tão assignalada pelos extraordinarios esforços do aggressor, e pelo poderoso auxillio das Potencias, que arrastou aos gelos do Norte, como pela heroica resistencia de huma nação, primeiro accometida que armada, e que assim mesmo fazendo cara aos aguerridos exercitos, que a perseguião, finalmente os conduzio ao theatro da sua humilhação, a antiga capital da Russia. Aqui se corouo huma constancia a toda a prova. Ninguem recusou o sacrificio de suas propriedades á segurança publica; e o Despota da França não se pôde gabar de

possuir mais do que ruínas. Em vez de abundantes armazens, commodos quartéis, e copiosos armamentos, encontrou apenas labaredas, ou cinzas. Embora a sua hypocrita humanidade brade contra a barbáridade d'aquelles *Tartaros* (segundo a sua expressão); e escriptores credulos e temerarios condemnem aquelle passo: a liberdade do Norte, e com ella a da Europa nascerão das cinzas de *Moskow*.

E não basta para provar esta proposição mostrar os exercitos até alli victoriosos agora em vergonhosa fuga? Descobrir as estradas da *Russia* juncadas de cadáveres, atulhadas de carros e de peças, que os supostos conquistadores do Norte deixão a cada passo? Então seria mister vê-los na França humilhados, e corridos: ouvir os seus discursos, attribuindo os seus dezares ao rigor da estação intempéstiva; e misturar vantagens com perdas, triumphos com fuga, gloria com abatimento.

Mas a ambição, irritando-se com os estorvos, que atalhavão seus progressos, á maneira de hum rio, que engrossa a sua corrente quando o pertendem reprimir, empenha todas as suas forças, excede ainda mesmo os seus estorvos, e com requisições violentas e excessivas, apronta hum corpo capaz do reconquistar a sua gloria. Marcado porém o termo da sua usurpação: o seu entendimento se perturba, as suas idéas se baralhão, e não apparece mais o vencedor de *Marongo*. Ou a pericia dos Generaes Alliados o assombrasse, ou a sua incorruptibilidade tornasse inutil o outro seductor, que destramente manejava, as primeiras operações marcão a falta de plano, a teima prepara a sua perda, e a imprudencia corôa a sua ruina. Factos ainda recentes na memoria de todos, não devem ser outra vez repetidos: virão todos este novo *Annibal* perder os seus alliados em consequencia dos primeiros reveses, e trilhar fugitivo o terreno, que antes calcara vencedor. As scenas desastradas, que rematarão as empre-

zas dos conquistadores, estampadas em cada pagina da *Historia*, se repetem todos os dias. A França, que ameaçava engolir o resto da Europa, pôde mal defender-se. As suas fronteiras são invadidas, tomadas algumas das suas praças, occupadas muitas das suas bellas Cidades, e as castas, que ella levava aos paizes mais septentrionaes, pezo agora sobre ella. Graças aos empenhos da Peninsula, que servirão de modelo ás nações todas! Primeiro o immortal *Wellington* transpõem os *Pyreneus*, ameaça o terreno Francez, leva o fogo e a morte aos *Gascoens*, e diante dos fortissimos *Portuguezes* recuão assustados os veteranos do Norte. Agora pôde dizer-se com propriedade o que em outra occasião disse hum dos Monarcas mais illustres da França — *Já não ha Pyreneus*. Estereis planos de hum General astuto, distacados ardis, nada valem contra o furor de huma nação, que vinga os insultos mais atrozes, e castiga a usurpação mais injusta. Logo *Russos*, *Prussianos*, *Suiços*, *Austriacos*, e todas as Nações da *Allemanha* passão o *Rheno*, penetração na *Suisça*, porpõem os *Appeninos*: o terreno Francez he alagado no sangue dos seus proprios filhos, e *Brienne* vê com assombro desbaratadas as suas tropas por hum só corpo dos Alliados commandado pelo immortal *Blucher*, guerreiro não sei se mais illustre pelos seus talentos militares e por hum valor intrepido, ou pelas mais relevantes qualidades moraes.

Quaes sejam as consequencias desta grande victoria he facil de pensar. Porém para nos guiar em nossos raciocinios, temos recopilado os *Discursos* assim do *Tyranno*, como de seus *Saellies*, já despidos d'aquelle orgulho, que pretendia assoberbar o *Universo*, respirando o abatimento e a consternação. He verdade que saltão algumas faiscas d'aquelle espirito de injustiça, com que calumnião os seus inimigos: algumas exprestões empoladas exa-

gerão as suas pertendidas qualidades moraes, e que-rem fazer reflectir sobre os Alliados increpaçoens iníquas, mas não apparecem logo em todo a sua exten-ção do terror e a consternação? *O nosso terreno he invadido: passarão as nossas fronteiras: o nos-so paiz he ameaçado; e outras expressoens de al-larma se lem em todas as paginas: não se trata já de conquistar: não cuidamos em conservar conqui-stas: a nossa deſeza he o nosso empenho; eis-aqui em summa a que se reduzem tantas ameaças, tan-tos gabos.*

As aguias fugirão dos paizes estranhos; abaterão as azas, e procurarão de balde a segurança. Não despregão seus voos sobre Madrid e Lisboa; em Paris mesmo se não julgão seguras. Esvoaçarão por entre as chamas de Moscow, e de hum só voo passarão a Polonia, a Allemanha, a Suissa, e rastejarão o territorio Francez. Com igual sorte desamparão a Italia, e acolhem-se ao patrio ninho. Muitas dellas feridas e prezas assalhão a gloria dos Vencedores, e annuncio a queda do Despo-ta.

Dos Documentos, que apresentamos, se conclue o estado de fraqueza daquelle Estado: a violenta con-vulsão succedeu a extrema debilidade; e em vão se procurou os remedios, disfarçando a propria miseria, e exagerando chimericos recursos. Leão-se com attenção, e a travez de huma affectada grandeza se verá que a Nação reconhece a paz por ultimo recurso: a paz, que ella affugentou do Univerſo, para substituir-lhe a insaciavel sede de conquistas; a paz, objecto de todos os votos, huma vez que prometta a segurança e a prosperidade dos outros Estados.

Paris 19 de Dezembro.

**H**Oje Domingo 19 do corrente, S. M. o Im-perador e Rei sahio a huma hora do palacio das Thuilleries para hir ao Corpo Legislativo, onde havendo sido recebido com as ceremonias do costum, S. M. sentado, pronunciou o discurso seguinte. —

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

„ Brillantes victorias realçarão a gloria das ar-mas Francezas nesta campanha; deteccoes sem exemplo tornarão inuteis aquellas victorias. Tudo se voltou contra nós, — a mesma França estava em perigo, se não fosse a união e a energia do povo Francez. — Nestas arriscadas circumſtancias, o meu primeiro pensamento foi chamar-vos em toda de mim, — o meu coração ha mister a presença e affeição dos meus vassallos.

Nunca me cegou a felicidade; a adverbidade me achará sempre superior aos seus ataques.

Algumas vezes dei a paz ás naçoens, quando ellas havião perdido tudo. Sobre huma parte das minhas conquistas levantei thronos para Reis, que me desampararão.

Tinha concebido e executado grandes projectos para prosperidade e fortuna do mundo. Monarca e pai, sinto que a paz augmenta a segurança das thronos, e das familias. Estão encetadas negocia-çoens com as potencias alliadas. Annui ás bases pre-liminares, que ellas offerecerão. Esperava então que antes de se abrir esta Sessão estivesse junto o con-gresso de Manheim; porém novas demoras, que se não devem attribuir á França, tem deviado o momento, a que aspirão os votos ardentes do universo.

Tenho ordenado que todas os documentos originaes, que estão na pasta da minha repartição dos negocios estrangeiros, sejam postos á vossa vista.

Tomareis delles conhecimento por meio de huma Junta. Os oradores do meu conselho vos farão conhecer a minha vontade a este respeito.

Da minha parte não ha obstaculo algum ao restabelecimento da paz. Conheço, e tomo parte em todos os sentimentos dos Francezes, — digo dos Francezes, porque nenhum quereria a paz á custa da honra.

A meu pezar exijo novos sacrificios a este povo generoso; mas os seus maiores, e mais caros interesses os requerem. Era necessario recrutar o meu exercito por numerosas levas; as naçoens só podem negociar com segurança, ostentando todas as suas forças. Tornou-se indispensavel hum augmento de impostos. O que o meu ministro da Fazenda vos propozer he conforme ao systema de finança, que eu tenho estabelecido. Acordiremos a todas as necessidades sem emprestimo, que consuma o futuro, e sem papel moeda, o maior inimigo da ordem social.

Estou satisfeito dos sentimentos, que os meus povos da Italia me testemunhão nesta occasião. — Só a Dinamarca e Napoles tem perseverado fieis á sua alliança comigo. — A Republica dos Estados Unidos da America continúa com vantagem a sua guerra com Inglaterra. — Reconheci a neutralidade dos dezenove Cantões Suissos.

Senadores, Conselheiros de Estado, Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

Vós sois os órgãos naturaes deste throno; a vós toca dar o exemplo de energia, que faça a nossa geração recomendavel ás gerações futuras. Não digão ellas de nós: "Sacrificarão os maiores interesses de seu paiz! Receberão a lei que a Inglaterra havia querido debalde dictar á França, por espaço de quatro Seculos!"

*Falla do Conde de Lacépède, Presidente do Senado recitada em presença do Imperador e Rei, a 30 de Dezembro ás duas horas da tarde.*

**S**enhor, o Senado vem offerecer a V. M. a homenagem de sua affeição, e de seu reconhecimento pelas ultimas communicações, que recebeu pelo orgão de huma Junta. V. M. annuo ás mesmas propostas de seus inimigos, que lhes transmittio hum dos seus ministros na Allemanha. Que penhor mais forte poderia dar do seu desejo sincero de paz?

Vossa Magestade pensa certamente que o poder se reforça sendo limitado, que a arte de adiantar a felicidade de hum povo he a melhor politica dos Reis. O Senado lho agradece em nome do povo Francez.

Em nome deste mesmo povo agradecemos todos os meios legitimos de defeza, que V. M. tomar para segurar a paz.

O inimigo tem invadido nosso territorio. Elle quer penetrar até ao centro de nossas provincias. Os Francezes unidos por sentimento e por interesse, debaixo de hum Chefe como V. M., não deixarão abater sua energia.

Os Imperios, como os particulares, tem seus dias de luto e de prosperidade; nas grandes occasiões he que se mostrão as grandes naçoens.

Não, o inimigo não ha de despedaçar esta formosa e grande França, que por quatorze Seculos se conservou com gloria, atravez de tantas alternativas da fortuna, e que para interesse das mesmas naçoens visinhas deve sempre ter hum grande pezo na balança da Europa. Temos por fiadores vossa firmeza heroica e a honra nacional.

Combatteremos pela nossa amada patria, entre os sepulchros de nossos pais, e os berços de nossos filhos,

Senhor, obtenha V. M. a paz por último esforço de Si, e dos Francezes; Sua mão tantas vezes victoriosa deponha as armas, depois de haver assignado o descanso do mundo.

Tal he, Senhor, o voto da França, o voto do Senado; o voto, e a necessidade da especie humana.

*Resposta do Imperador.*

**S**OU sensivel aos sentimentos que me exprimis. Tendes visto pelos documentos, que mandei pôr á vossa vista, o que faço pela paz. Farei sem pezar os sacrificios indicados pelas bases preliminares, que o inimigo propoz, e que eu accitei; a minha vontade tem por unico objecto a felicidade dos Francezes.

Entretanto, o *Bearn*, a *Alsace*, o *Franché-Comté*, o *Brabante*, estão invadidos. Os gritos desta parte da minha familia me rasgão o coração. Chamo os Francezes a soccorro dos Francezes. Chamo os Francezes de Paris, da Bretanha, da Normandia, da Champagne, e dos outros departamentos, ao soccorro de seus irmãos. Abandona-lhão na sua angustia? A paz e a liberdade do nosso territorio devem ser o nosso grito de união. A vista desta nação em armas, o inimigo fugirá, ou assinará a paz sobre as bases, que elle mesmo propoz.

Já não se trata de recuperar as conquistas, que havemos feito.

*Senado Conservador.*

*Sessão de Segunda feira 27 de Dezembro, debaixo da presidencia de S. A. R. o Principe Archi-chancellor do Imperio.*

**E**M nome da Junta especial, nomeada na Sessão de 2 deste mez, — o Senador Conde Fontanes pediu licença, e fez á assemblea a seguinte participação. —

*Monsieur*, — Senadores, — O primeiro dever do Senado para com o monarcha, e para com o povo he a verdade. A situação extraordinaria, em que a patria se acha, faz este dever ainda mais rigoroso.

O Imperador convidou todos os grandes Corpos do Estado a exprimirem livremente as suas opiniões, pensamento verdadeiramente leal! O saudavel desenvolvimento dessas instituições monarchicas, em que o poder está concentrado nas mãos de hum só, he reforçado da confiança de todos, e dando ao throno a garantia da opinião nacional, dá tambem aos povos a consciencia da sua dignidade, e a justissima recompensa de seus sacrificios.

Intenções tão magnanimas não devem ser mallogradas. Em consequencia, a Junta nomeada na vossa Sessão de 22 de Dezembro, da qual eu tenho a honra de ser o orgão, tem feito o mais serio exame dos papeis officiaes sujeitos á sua inspecção por ordem de S. M. o Imperador, e communicados pelo Duque de Vicencia.

Comearão negociações de paz; deveis conhecer os seus progressos; o vosso juizo não deve ser prevenido. Humna simples enumeração de factos, quando vossa opinião deve preparar a da França. Quando o Gabinete Austriaco depoz o caracter de mediador; quando tudo dava azo a julgar que o

Congresso de Praga estava-se dissolvendo por instantes, o Imperador se determinou a fazer hum ultimo esforço para a pacificação do Continente. O Duque de Bassano escreveu ao Principe de Metternich. Propoz neutralizar hum ponto nas fronteiras, e tornar alli ás negociações de Praga, continuando ainda as hostilidades. Infelizmente estas primeiras propostas não tiveram effeito algum.

A epocha, em que se deu este primeiro passo pacifico, he importante. Foi a 18 de Agosto passado. Estava fresca a lembrança das batalhas de Lutzen e Bautzen. Pôde-se por tanto dizer, que este dezejo, opposto á prolongação da guerra, he de alguma sorte da mesma data que estas duas victorias.

Os esforços do Gabinete Francez foram debalde; a paz se affastou mais, tornarão a começar as hostilidades; os acontecimentos tomarão huma nova facez. Os soldados dos Principes Allemaens, ainda nossos alliados, tinhão mostrado mais de huma vez nossa fidelidade muito duvidosa; subitamente deixaram de dissimular, e se ajuntarão a nossos inimigos.

Desde aquelle momento as combinações de huma campanha tão gloriosamente começada não podião ter o exito esperado.

O Imperador viu que era tempo que os Francezes sahisses da Allemanha. Retrogradou com elles, combatendo quasi a cada passo, e na estreita vereda, em que tantas defeções declaradas e trações surdas apertavão sua marcha, e os seus movimentos, novos trophéos assignalário a sua volta.

Nós o seguimos com inquietação atravez de tantos obstaculos, dos quaes só elle podia triunfar; nós o vimos com prazer voltar sobre suas fronteiras, não com a sua felicidade costumada, mas não sem heroismo e sem gloria. De volta á sua Capital, affastou as suas vistas d'esses campos de batalha, em que o universo o admirou por quinze an-

nos; despegou até os seus pensamentos dos grandes projectos, que elle havia concebido. Emprego as suas mesmas expressões; voltou-se para o seu povo, abriu-se o seu coração, e nelle nós temos os nossos mesmos sentimentos.

Dezejou a paz, e apenas pareceu possivel a esperança de huma negociação, se apressou a lançar mão della.

Os acontecimentos da guerra conduzirão o Barão de St. Aignan ao quartel General das Potencias alliadas. Vio o Ministro Austriaco, o Principe Metternich, e o Ministro Russo, o Conde Nesselrode. Hum e outro, em nome de suas Cortes, posserão debaixo dos seus olhos a base de huma pacificação geral. O Embaixador Inglez, Lord Aberdeen, estava presente a esta conferencia. Notai este facto, Senadores: elle he importante.

O Barão de St. Aignan, havendo sido encarregado de informar a sua Corte de tudo quanto tinha ouvido, satisfez fielmente a esta commissão.

Ainda que a França tinha direito de esperar outras proposições, o Imperador sacrificou tudo ao dezejo sincero da paz. Mandou ao Duque de Bassano que escrevesse ao Principe Metternich que elle admitia, como base da negociação, o principio geral comido na participação confidencial de M. de St. Aignan.

O Principe Metternich, em resposta ao Duque de Bassano, pareceu pensar que havia alguma cousa vaga na adhesão dada pela França.

Para dissipar todas as difficuldades, o Duque de Vicencia, depois de haver recebido as ordens de Sua Magestade, fez saber ao Gabinete da Austria que Sua Magestade adheria á base geral e summaria comunicada por M. de St. Aignan. A carta do Duque de Vicencia he de 2 de Dezembro; foi recebida a 5 do mesmo mez. O Principe Metternich respondeu a 10. Cumpre reparar bem nestas

datas. Bem depressa vereis que ellas não são in-differentes.

Podem-se conceber justas esperanças de paz, lendo a resposta do Príncipe Metternich ao officio do Duque de Vicência; sómente no fim da sua carta, annuncia que antes de encetar as negociações, he necessario conferir com os alliados. Estes Alliados não pôdem ser senão os Ingleses. Ora, o seu Embaixador esteve presente á conversação, de que M. de St. Aignan tinha sido testemunha. Não queremos excitar a desconfiança; recitamos.

Notámos com cuidado a data da ultima correspondencia entre os Gabinetes Francez e Austriaco. Dissemos que a Carta do Duque de Vicência devia ter sido recebida a 5, e que a recepção foi accusada a 10. — Entretanto, huma gazeta actualmente debaixo da influencia das Potencias alliadas, publicou a toda a Europa huma declaração, que dizem estar revestida da sua sancção. Seria doloroso cre-lo.

Esta declaração he de huma natureza desusada na diplomacia dos Reis. Não expõem aos Reis seus ignavaes as suas queixas, e lhes envião seus manifestos; dirigem-as aos povos, e porque motivos adoptão este novo modo de proceder? Para separar a causa dos povos da causa dos que os governão, ainda que o interesse da Sociedade os tenha reunido em toda a parte. Este exemplo não pôde ser fatal? Deveria elle ser dado, mórtmente nesta epocha, em que os povos, agitados por todos os males da vaidade, estão tão pouco inclinados a curvar sob a autoridade, que os protege, ao mesmo tempo que reprime a sua audácia? E quem he o objecto daquelle ataque indirecto? He feito a hum grande homem, que tem merecido o reconhecimento de todos os Reis, porque restabelecendo o throno da França, fexou a cratera do volcão, que os ameaçava a todos.

Não se deve dissimular que a certez vitzas o tom daquelle manifesto extraordinario he moderado. Isto prova que a experiencia da Coalizão se tem perfeccionado. Talvez se lembri de que o manifesto do Duque de Brunswick atacou o orgulho de hum grande povo. Com effeito aquelles mesmos, que não abraçavão as opiniões então dominantes, ao ler aquelle manifesto insultante, se julgáron offendidos na honra nacional. Por isso se adoptou outra linguagem. A Europa cansada precisa mais de descanso que de agitações.

Mas se ha tanta moderação nos conselhos dos nossos inimigos, porque, fallando sempre de paz, ameaçao nossas fronteiras, que havião promettido respeitar, quando se tivéssemos o Rhim por barreira? Se nossos inimigos são tão moderados, porque infringirão a capitulação de Dresse? Porque não attenderão ás justas queixas do General, que commandava naquella praça?

Se são tão moderados, porque não estabelecerão a troca dos prisioneiros, conforme todos os usos da guerra?

Em fim se os protectores dos direitos das nações são tão moderados, porque não respeitáron os Cantões Suissos? Porque este governo prudente e livre, que á face da Europa se havia declarado neutro, vê agora os seus tranquilllos valles e montanhas assoladas por todos os flagellos da guerra? Algumas vezes a moderação he só hum artificio diplomatico. Se quizessemos empregar o mesmo artificio, attestando tambem a justiça e a boa fé, quanto nos seria facil confundir nossos accusadores com as suas proprias armas!

A Rainha, que escapou da Sicilia, e que de hum lugar de desterro a outro tem fugido na sua adversidade para os Ottomanos, prova ao universo que os nossos inimigos temão tanto respeito á dignidade real?

O Soberano da Saxônia se entregou à discrição das Potencias aliadas. Achou elle as accções conformes ás seguranças dadas? Tristes boatos se espalhão na Europa; oxalá que não sejam realidades! Pôde-se querer punir a fidelidade ao seu juramento pela vida de hum Soberano opprimido de annos e de afflicções, e dotado de tantas virtudes!

Não se devem insultar os governos nesta tribuna, nem mesmo aquelles que tomão a liberdade de insultar-nos, mas deve ser-nos permitido avaliar por seu justo valor essas queixas antigas e bem conhecidas, contra todas as Potencias, que tem feito grande figura, desde Carlos V. até Luiz XIV, e de Luiz XIV até o Imperador.

O projecto de *invasão*, de *preponderancia*, de *monarquia universal*, tem sido sempre hum grito de união para todas as coalicoens; e do centro dessas coalicoens, assombradas da sua propria imprudencia, se tem levantado muitas vezes huma Potencia ainda mais ambiciosa que aquellas, contra cuja ambição se reclamava.

Os abusos de poder estão traçados em caracteres de sangue nas paginas da Historia, — todas as nações tem errado, — todos os governos tem commettido faltas, — deverião todos perdoar-se mutuamente.

Se, como queremos crer, as Potencias aliadas fôrão votos sinceros pela paz, não ha obstaculo ao seu restabelecimento. Temos demonstrado, pelo extracto das peças officiaes, que o Imperador deseja a paz, e que até a comprar por sacrificios, nos quaes a sua grande alma esquecerá a sua gloria pessoal, para cuidar tô nas necessidades da nação.

Quando lançamos hum golpe de vista sobre aquella coalição, composta de elementos, que se repellem huns aos outros, — quando vemos a estorva e monstruosa mistura de povos, que a natureza fez rivaes, — quando pensamos que muitos

delles por allianças inconsideradas se expõem a perigos, que não são quimericos, não podemos crer que hum tal reunião de interesses tão differentes possa ser de longa duração.

Não vemos nós nas filas do inimigo hum Principe rivado com todos os sentimentos Francezcos, no paiz, em que elles são mais vivos?

O guerreiro, que antes defendeu a França, não pôde persistir muito tempo contra ella.

Lembramo-nos tambem que hum Monarca do Norte, e o mais poderoso de todos, contava moderadamente entre os seus titulos de gloria a amizade do grande homem, contra quem combate agora.

Nossos olhos se voltão com confiança para esse Imperador, que tantos laços prendem ao nosso; que nos deu o mais bello presente em huma adorada Soberana, e que vê em seu neto o herdeiro do Imperio Francez.

Com tantos motivos de concordia e de renúcio, poderá ser difficil a paz? Fixe-se immediatamente o lugar da conferencia; — apresentem-se Plenipotenciarios de huma e outra parte com o nobre desejo de dar a paz ao mundo; — reine a moderação em seus conselhos como em sua linguagem! As Potencias estrangeiras mesmas o disserão, na declaração, que se lhes attribue, — "*Hum grande nação não perde o seu lugar por haver provado reversez, n'aquella luta custosa e sanguinaria, em que combatteu com o seu valor costumado.*"

Senhores, — Não haveríamos enchido os deveres que esperas da vossa junta, se provando, e até demonstrando as intencões pacificas do Imperador, as nossas ultimas palavras não lembrassem ao povo o que elle deve a si mesmo, e o que elle deve ao monarca.

O momento he decisivo. As potencias estrangeiras fallão huma linguagem pacifica, mas algumas de nossas fronteiras estão invadidas, e a guerra está ás nossas portas. o ii

Trinta e seis milloens de homens não podem trahir a sua gloria, e o seu destino. Nações distintas neste grande demanda, tem soffrido numerosos reveses; mais de huma vez tem sido postas fora de combate; as suas feridas ainda vertem sangue: a França tambem recebeu feridas, mas ella está longe de se abaster; ella pôde ensoberbecer-se de suas feridas, como dos seus triumphos passados. O abatimento na adversidade seria mais indisciplpavel que o orgulho na prosperidade. Assim, ao mesmo tempo que fazemos a paz, abreviem-se os preparativos de guerra, e proteção as negociações. Apinhemo-nos em roda do diadema, onde o esplendor de cincoenta victorias brilha atravez de huma nuvem passageira.

A fortuna não falta muito tempo ás nações, que não faltão a si mesmas. Este chamamento á honra nacional he dictado pelo amor da paz — d'aquella paz, que não se consegue por fraqueza, mas por firmeza, — d'aquella paz em fim, que o Imperador com hum novo valor promette conceder á custa de grandes sacrificios.

Temos a doce confiança, que os seus votos e os nossos serão realisados, e que esta brava nação, depois de tão longas fadigas, e tanto sangue derramado, achará o descanso sob os auspicios do throno, que tem bastante gloria, e que de hoje em diante sómente quer ser cercado de imagens da publica felicidade.

## SICILIA.

*Falla do Principe de la Cattolica á Câmara dos Pares, por occasião de dissolver-se o Parlamento.*

My Lords e Senhores.

**S**UA Alteza Real o Principe Vigario Geral, com a approvação do Seu Conselho, havendo-me escolhido para manifestar-vos os seus sentimentos, me ordena que vos diga que elle vos ajointou neste Parlamento geral, plenamente persuadido que vós completieris a obra começada o anno passado. Elle pensava que brevemente organisaríeis os novos Tribunaes, segurando d'aquelle modo aos seus queridos e amados Sicilianos as suas propriedades e a sua pessoal segurança, debaixo da administração das leis, da qual se haviam cortado os antigos abusos.

Fizerão-se preparativos em 1810 para hum systema de finanças, simples e saudavel, mas do qual o ultimo Parlamento não podia tomar conhecimento sufficiente, porque estava com o cuidado ainda mais importante de erigir a nossa Constituição pelo modelo da Constituição da Grã Bretanha. Sem embargo, o Parlamento decretou algumas concessões provisionaes, e medidas financeas, deixando a seus successores a conclusão d'aquelle ponderoso negocio; e Sua Alteza Real esperava com impaciencia que o vosso juizo tornasse completo o systema. Elle reflectia com prazer, e se applaudia, nos voluntarios sacrificios, que (com consentimento do Rei, seu Pai e nosso Senhor) elle havia feito de parte das antigas rendas hereditarias, e das prerogativas da Coroa, crendo que d'aquelle modo havia segurado a prosperidade do reino da Sicilia.

Mas ai! forão illusorias as esperanças, que em vós havia posto. Apenas vos applicastes a frivolos debates, e disparates. Ouvistes tranquillos as men-

sagens, que elle continuamente vos dirigio, e entre vós se levantou o maligno espirito de hostilidade e discórdia. Em vão Sua Alteza Real por meio de prorrogações repetidas procurou trazer-vos á devida união. Foge o tempo, e o estado perece. Fortes admoestados, recusastes parar e reflectir. Reduzistes Sua Alteza Real á necessidade de adoptar huma medida dura e decisiva, que a Constituição authorisa; aquella Constituição, que elle vos deu, que prometteu, e de novo promete conservar. Sua Alteza Real sente-se obrigado a dissolver immediatamente o Parlamento, a fim de ajuntar, o mais breve que for possível, outro que, instruido por esta experiencia, dirija seus trabalhos a aperfeiçoar oCodigo Constitucional — ancora sobre que descança a publica segurança.

Approve a Sua Alteza Real dizer-me que se havia resolyido a este procedimento com repugnancia, e com infinito pezar; que elle era indispensavel, e a nação não podia condemnar-lo, porque na temeridade e rancor de seus debates, se haviam feito e sustentado movimentos, que indicavão claramente que se dezejava huma Constituição, inteiramente differente da nossa, e da Constituição de Inglaterra. Os papéis impressos, que girão nesta metropoly e nas provincias; o empenho que se tem feito repetidas vezes para usurpar o Poder Executivo, para destruir a Real Prerogativa, e para perpetuar a duração do Parlamento, ministrando subsídios só para hum mez; outros empenhos para usurpar, ao mesmo tempo, o poder judicial, cuja independencia he huma das columnas fundamentaes da Constituição; tudo isto mostra evidentemente aquella deploravel verdade.

Sua Alteza Real me mandou dizer-vos, My Lords; que esta dissolução do Parlamento vos dará descanço, por breve tempo, mas bastante para considerardes vossos interesses reais; e a vós, Senhores

res da Camara dos Communs, que voltando para os vossos respectivos paizes, espera que não sejades guiados por algumas das falsas idéas, que vos possão ter, ou ainda vos sejam suggeridas; e que, pelo contrario, nossos concidãos receberão de vós a segurança de que as promessas de Sua Alteza Real são sagradas — que elle tem sancionado, e de novo sanciona as nossas liberdades, como estabelecidas no Parlamento do anno passado — que para prevenir a dissolução do Governo e do Estado, continuará a regular a repartição da fazenda, segundo o plano provisional decretado no Parlamento de 1812, em quanto se não estabelece finalmente este negocio altamente interessante; acontecimento que, segundo se pensa, não se ha de demorar mais de hum anno; — que entretanto, Sua Alteza Real nomeará para aquellas Magistraturas e lugares, que lhe foram propostos o anno passado, e com seu beneplacito serão instituidos; — e que finalmente se ajuntará hum novo Parlamento o mais cedo possível. Mas a este respeito, recomendo rigorosamente que façaes com que os vossos concidãos estejão prontos, quando cumprir, a voltarem como Membros do novo Parlamento, aquelles somente que forem animados de hum verdadeiro amor da patria; aquelles que não forem capazes de se desviarem do seu dever por suggestões de pessoas mal intencionadas, inimigas da felicidade e verdadeira liberdade do povo Siciliano; aquelles que confiarem na lealdade de Sua Alteza Real, na lealdade d'elle, que lhes deu a liberdade, e só aspira a immortalisar o seu nome tornando feliz os seus nobres e prezados Sicilianos.

## Proclamação de Lord Bentinck.

O Tenente General Lord Bentinck, havendo contratado com S. M. e com o Príncipe Herdeiro, a obrigação de impedir que a sanção real dada á livre Constituição da Sicillia tenha consequencias, que possam comprometter a segurança da coroa e a tranquillidade publica, e por outras considerações que a todos devem ser evidentes, faz saber, — que em quanto o Parlamento não tiver providenciado á conservação da boa ordem e a prosperidade desta Cidade; em quanto durar a confusão actual, que ameaça com huma funesta catastrophe, não só a liberdade dos vassallos, porém a mesma existencia do Estado; e em quanto a grande obra da Constituição, tão felizmente começada pelo Parlamento de 1812, não estiver regularmente consolidada, o Tenente General será obrigado a manter a tranquillidade publica, com a força militar, cujo commando lhe está confiado. Em consequencia, declara que fará castigar de morte, depois de hum processo marcial e summario, os perturbadores da boa ordem, os assassinos, e todos os outros inimigos da constituição, que de qualquer maneira poserem algum obstaculo ou opposição ás medidas do governo.

Palermo 31 de Outubro.

( Assignado ) W. C. Bentinck,

## Confederação Suissa.

NOS Landamman e membros da Dieta dos 19 Cantões da Confederação Suissa, — A vós, amados Confederados, saude: — A guerra, que ha pouco estava longe das nossas fronteiras, se aproxima ao nosso paiz e ás nossas tranquillias moradas. Nestas circunstancias, era do nosso dever, como deputados dos Cantões Confederados, delibermos maduramente sobre a situação do paiz, dirigir communicações ás Potencias belligerantes, e fazer todas as disposições ultteriores, que as circunstancias exigião. Fieis aos principios de nossos maiores, em virtude dos poderes e ordens do nosso governo, de huma voz e vontade unanimes, declaramos a neutralidade da Suissa. Himos transmittir e notificar, nas fórmãs mais convenientes aos Soberanos dos Estados em guerra o acto solemne, que havemos lavrado com este fim. Graças á protecção divina, o desempenho de huma rigorosa neutralidade tem por seculos garantido a liberdade e o descanso do nosso paiz. Agora, como nos tempos antigos, esta neutralidade só convém á vossa posição e ás nossas precisões. Por consequencia queremos estabelecer-la, e faze-la respeitar por todos os meios, que estão em nossa mão. Queremos segurar a liberdade e independencia da Suissa, manter a sua actual constituição, e preservar o nosso territorio de qualquer ataque; tal he o unico fim de todos os nossos esforços. Para este effeito, nos dirigimos a vós, queridos Confederados de todos os Cantões da Suissa, informando-vos sem demora da declaração que acabamos de fazer. A Dieta espera de cada hum de vós, qualquer que elle seja, que obrará nas mesmas vistas; contribuirá com todos os seus meios á causa commun; fará os esforços e sacrificios, que o bem da patria e a sua conservação requerem; e que assim a nação inteira se mostrará digna de

seus pais, e da felicidade de que goza. Queira o Supremo Senhor do Universo accitar a homenagem de nosso vivo reconhecimento aos immensos beneficios, que até o presente tem derramado sobre o nosso paiz, e se digne de conceder ás nossas supplicas a conservação, a tranquillidade, e a felicidade deste Estado, posto debaixo da sua protecção.

Dado em Zurich, a 20 de Novembro.

O Landmman, Presidente da Dieta, J. De Reinhard.  
O Chancellor da Confederação, Morisson.

*Obra publicada nesta Corte.*

**O**Ração funebre, que nas exequias da Serenissima Senhora D. Maria Anna Francisca Josefa Antonia Gertudes Rita Joanna, Infanta de Portugal, mandadas fazer por Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, recitou na Real Capella desta Corte, em o dia 14 de Junho de 1813, Fr. Francisco da Mãe dos Homens, Religioso Agostinho Reformado de Portugal.

A satisfação, que tivemos, ouvindo recitar esta eloquente Oração, cresceu sobemaneira quando lemos e considerámos suas bellezas. As virtudes da Serenissima Senhora Infanta mereção hum tão digno panegyrista. O seu exordio he energico e elegante, sem huma pompa affectada, e sem os vãos improprios deste lugar. He bellissima a introdução, na qual se dá huma brilhante idéa da Historia Ecclesiastica de Portugal. No corpo do Discurso assosalha com dignidade os talentos, os estudos e sobre tudo as virtudes da sua heroína: fazendo sobressahir a sua caridade, e a sua humildade. Toca delicadamente no ultimo periodo da sua existencia, com hum estilo proprio de Bossuet. Perora, recô-

mendando a virtude como unico brazão da grandezza, o que prova com o seu mesmo objecto; e remata dirigindo ao Altissimo as preces, que a Igreja ensina na Sequencia da Missa.

Neste rapido esboço escapão as bellezas da dicção, certamente mui castigada, e pura dos gallicismos, que abastardão a nossa lingua; o ajustado emprego das figuras e tropos; a harmonia dos periodos; e outras muitas cousas que o leitor intelligente lerá com satisfação.

## Continuação de Estado da atmosphera

Janeiro.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Grac.	Pol.	Vint. Mil.	
1	80	29	31	44	
2	85		13	8	
3	83		12	40	
4	83		12	20	
5	84		11	36	
6	81		12	36	
7	83		11	33	chuvozo com trovoadas
8	82		11	20	claro
9	84		11	30	
10	85		11	46	
11	85		11		chuviscou
12	84		10	44	pezado e chuva
13	85		11	10	
14	87		11	18	
15	84		10	44	
16	85		12	20	
17	79½		11	40	claro
18	81½		11	34	
19	82		11	40	
20	85		12	20	
21	84½		11	40	
22	85		11	10	
23	91		11	42	
24	86		12	4	trovoadas e chuva
25	83		13	30	
26	81		14	48	
27	79½		15	26	
28	81		13	20	claro
29	84		13	10	
30	85		12	32	
31	85½		12	16	

Fevereiro.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Grac.	Pol.	Vint. Mil.	
1	87				
2	86		12	28	claro
3	85½		12	40	
4	85		12	20	
5	85½		12		
6	86		11	40	
7	86½		11	40	
8	85		12		
9	84½		12	40	
10	84½		11	42	
11	86½		12	30	
12	85		12		
13	85½		12		
14	88		12	30	pezado
15	87		14		
16	85		13	23	
17	88		12	14	chuviscou
18	85		12		claro
19	85		12		
20	88		12	30	
21	88		13	20	
22	85		12	40	
23	85		12	30	
24	85½		12	4	
25	80		12		
26	88½		11	40	pezado
27	89		11	16	
28	89		12	4	

## INDICE.

## AGRICULTURA.

- Summario da Historia do descobrimento da Cachoilha no Brazil, e das observações, que sobre ella fez no Rio de Janeiro o Dr. José Henriques Ferreira, Medico do Vice-Rei e Marquez do Lauradio. pag. 3

## TOPOGRAFIA.

- Fim da Descripção Geographica da Capitania de Matto Grosso. 14  
 Memoria sobre a Capitania do Ceará, Escrita de Ordem Superior pelo Sargento Mór João do Silva Feijó, Naturalista Encarregado por S. A. R. das Investigações Filosoficas da mesma Capitania. 46

## LITTERATURA.

- Ode Pindarica á SUA ALTEZA REAL. Pelo Professor de Filosofia da Villa Rica. 33  
 Discurso offerecido aos Bahianos no dia da abertura do seu novo Theatro, aos 13 de Maio de 1812, Dia dos Annos de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor. Por B.\*\*\* 38  
 Tradução de huma passagem do Livro 2.<sup>o</sup> das Georgicas de Virgilio. Por B.\*\*\* 41  
 Soneto pela occasião de ser nomeado Vice-Rei dos Estados da India o Excellentissimo Senhor Conde de Palma. Por A. da R. F. 44  
 Outro ao mesmo. Por J. J. da S. G. 45

Exame da Resposta defensiva e analytica á Censura, que o Redactor do Patriota fez ao Drama intitulado o Juramento dos Nomes, &c. 63

## POLITICA.

- Discurso do Redactor. 93  
 Discurso do Imperador e Rei, ao Corpo Legislativo. 97  
 Falla do Conde de Lactépede, Presidente do Senado, recitada em presença do Imperador e Rei, a 30 de Dezembro ás 2 horas da tarde. 99  
 Resposta do Imperador. 100  
 Sessão de Segunda feira 27 de Dezembro, de baixo da presidencia de S. A. R. o Principe Archichancellor do Imperio. 101  
 Falla do Principe da Real Catholica á Camara dos Pares, por occasião de dissolver-se o Parlamento. 109  
 Proclamação de Lord Bentinck. 112  
 Confederação Suissa. 113  
 Obra publicada nesta Corte. 114  
 Continuação do Estado da atmosphera. 116